

A REVISTA

Bello Horizonte, 1925/1926

A Revista dormia em seu jagifo pobre.
Eis chega José Mindlin e, vara de condão
em punho, ressuscita-a, e para nós des cobre
em seu rosto fanado - imprevisto clarão.

Carlos Drummond de Andrade

Rio, outubro, 1978

Meu teste nunca se
simpatia e afeto pela
figura exemplar de
José Mindlin.

Pedro Tavares
Rio, 1978

A REVISTA

Fundadores

Carlos Drummond de Andrade
Emílio Moura
Francisco Martins de Almeida
Gregoriano Canedo

Bello Horizonte, 1925/1926

A REVISTA

SUMMARIO

PARA OS SCEPTICOS.	Redacção
CAPITULO	Mario de Andrade
MOMENTO BRASILEIRO	Magalhães Drummond
FUNDO DE GAVETA	Milton Campos
IRARIGOAN.	Austen Amaro
A SITUAÇÃO	G. Canêdo
TEJUCO.	Pedro Nava
INGENUIDADE.	Abgar Benedit
DUAS FIGURAS.	Alberto Campos
JANEIRO	João Alphonsus
SÉDE DA COMARCA DE GORU- TUBA.	Alberto Deodato
SOBRE A TRADIÇÃO EM LITE- RATURA	Carlos Drummond
A' MARGEM DE PASCAL.	Martins de Almeida
RENASCENÇA DO NACIONALIS- MO.	Emilio Moura

MARGINALIA — OS LIVROS E AS IDEÁS.

Casa Aurea

*è a casa de artigos de luxo que tem
em Bello Horizonte os mais variados
sortimentos de Calçados, Chapéus,
Camisas, Gravatas, Meias, Collarinhos,
Lenços e Perfumarias.*

**O record em preços
Qualidades e
Variedades**

Teleph. 420

Avenida Afonso Penna, 502

A REVISTA

GRANADO & CIA.

Pharmaceuticos e droguitas

FABRICANTES — IMPORTADORES — EXPORTADORES



CASA MATRIZ: Rua 1. de Março, 14, 16 e 18 — Rio de Janeiro

Filiaes: Rua Visconde do Rio Branco, 31 — Rua do Bonfim, 302 e 304



AQUA INGLEZA GRANADO

Desconfiar das imitações

Nas convalescenças dos parlos e longas enfermidades, estimula a diêstão, evita as febres intermillentes e tonifica o organismo

PREPARADA COM ESPECIAL VINHO GENEROSO DA QUINTA DA SAPINHA (ALTO DOURO) PROPRIEDADE DO S. J. A. C. GRANADO

Com o mesmo vinho são tambem preparados os.

- VINHO TONICO-RECONSTITUINTE
 - VINHO NOZ DE KOLA
 - VINHO IODO-TANNICO PHOSPHATADO
 - VINHO DE QUINIUM
- FORMULA LABARRAQUE

Estes productos são os que melhores resultados offerecem

EXIJAM A NOSSA MARCA



RECUSEM AS PREPARAÇÕES SIMILARES

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL



Filiaes: Rua 11 de Agosto, 33 — São Paulo
Rua 7 de Setembro, 27-A — P. Alegre

Filiaes:



Rua Goyaz, 58 e 64

-o-

Bello Horizonte

A REVISTA

CASA CARNEIRO

© DE ©

GALIANO CARNEIRO

Amarinhos, Perfumarias e Brinquedos

Completo sortimento de artigos para homens, senhoras e crianças

Objectos para presentes

ROMULO CARNEIRO, Gerente

Av. Commercio, 402

Bello Horizonte

Hotel Renascença

Prefiram este hotel, que hoje é um dos melhores.

PREÇOS EXCELLENTE

Rua da Bahia, 278 (Esq. Tupynambás)—Phone 695—B: Horizonte

Campeão Mineiro

*Agencia Geral de
Loterias*

Rua da Bahia, 922

Caixa Postal, 209

Armando Matta

Casa Oscar Marques

A grande reforma actual desta casa, trouxe á sua distincta freguezia os descontos de 20 e 50. / . !

Aproveitar os preços da Casa Oscar Marques, nesta quadra em que os seus grandes estabelecimentos entram em balanço é

COMPRAR BARATO !..

Av. Affonso Penna, 739

Bello Horizonte



ESTÁ VISTO

**Camisas lindas e
roupas brancas**

em geral.

Ternos sob medida.

Perfumarias, etc.

**Tudo a preços
modicos.**

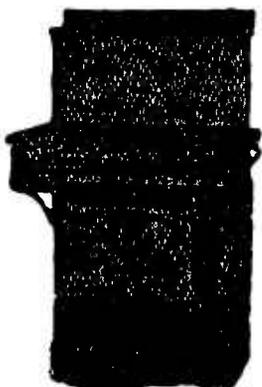
Faça como eu vá

Ao Trocadero

AVENIDA AFFONSO PENNA, 708

A REVISTA

RED STAR
Detroit Vapor
OIL STOVE



Fogões Red-Star

a gazolina ou kerozene ga-
zeificada

Lampadas e material electrico G E

Agentes para o Estado de Minas:

LOTH & CIA.

(Distribuidores da «General Electric S. A.»)

Um dos muitos attestados:

Laboratorio
DRESTES RODRIGUES & Co.
Caixa Postal 156
BELLO HORIZONTE - MINAS

Bello Horizonte, 19 - 11 - 24

Ha 2 mezes usamos, com
optimos resultados praticos e economicos, os fogões
"RED STAR" - a kerozene nos

laboratorios do **Vanatonico**

O MELHOR DOS BONS FORTIFICANTES

Tupys, 21 — Caixa Postal, 125 — Telegrammas «Lomando»
Phone, 680—BELLO HORIZONTE

A REVISTA

DIRECTORES:

MARTINS DE ALMEIDA

CARLOS DRUMMOND

REDACTORES:

EMILIO MOURA

GREGORIANO CANÊDO

PARA OS SCEPTICOS



PROGRAMMA desta revista não pôde necessariamente afastar-se da linha estructural de todos os programmas. Resume-se numa palavra: Acção. Acção quer dizer vibração, luta, esforço constructor, vida. Resta cumpril-o, e com lealdade o confessamos: começam aqui as dificuldades. Suppõe-se que ainda não estamos sufficientemente aparelhados para manter uma revista de cultura, ou mesmo um simples semanario de bonecos cinematographicos: falta-nos desde a typographia até o leitor. Quanto a escriptores, oh! isso temos de sobra. (Assim Deus Nosso Senhor mandasse uma epidemia que os reduzisse à metade!) Desta sorte, um injustificavel desanimo faz de Bello Horizonte a mais paradoxal das cidades: centro de estudos, ella não comporta um mensario de estudos. E se repona, aqui e alli, uma tentativa nesse sentido, o côro dos cidadãos experimentados e scepticos exclama: «Qual! E' tolice... A idéa não vinga.» E como, de facto, a idéa não vinga, o scepticismo astucioso e esteril vae comprar a sua «Revista do Brasil», que è de S. Paulo e, por isso, deve ser profundamente interessante...

Os moços que estão á frente desta publicação avaliam com segurança a somma de tropeços a vencer no empreendimento que se propuzeram. Está claro que não só desejam como *esperam* vencel-o. Porém, se torem derrotados, não se queixarão da fortuna, que é caprichosa, nem do meio bello-horizontino, que é, na realidade, um dos mais cultos, polidos e estudiosos do Brasil. A derrota é ainda o menos feio dos peccados, e o mais confessavel. No caso presente, o inimigo pôde tornar-se em amigo: é a indiferença do publico, tão legitima em vista dos repetidos *bluffs* literarios dos ultimos tempos.

Não somos românticos; somos jovens. Um adjectivo vale o outro, dirão. Talvez. Mas, entre todos os romantismos, preferimos o da mocidade e, com elle, o da acção. Acção intensiva em todos os campos: na literatura, na arte, na politica. Somos pela renovação intellectual do Brasil, renovação que se tornou um imperativo categorico. Pugnamos pelo saneamento da tradição, que não pôde continuar a ser o tumulto de nossas idéas, mas antes a fonte generosa de que ellas dimanem. Somos, finalmente, um órgão politico. Este qualificativo foi corrompido pela interpretação viciosa a que nos obrigou o exercicio desenfreado da politicagem. Entretanto, não sabemos de palavra mais nobre que esta: politica. Será preciso dizer que temos um ideal? Elle se apoia no mais franco e decidido nacionalismo. A confissão desse nacionalismo constitue o maior orgulho da nossa geração, que não pratica a xenophobia nem o chauvinismo, e que, longe de repudiar as correntes civilizadoras da Europa, intenta submeter o Brasil cada vez mais ao seu influxo, sem quebra de nossa originalidade nacional. Na ordem interna, é forçoso lançar ainda uma affirmação. Nascidos na Republica, assistimos ao espectáculo quotidiano e pungente das desordens intestinas, ao longo das quaes se desenha, nitida e perturbadora, em nosso horizonte social, uma tremenda crise de autoridade. No Brasil, ninguem quer obedecer. Um criticismo unilateral domina tanto nas chamadas elites culturaes como nas classes populares. Ha mil pastores

para uma só ovelha. Por isso mesmo, as paixões ocupam o lugar das idéas, e, em vez de se discutirem principios, discutem-se homens. «Fulano está no governo, pois então vamos derrubar Fulano!» E zaz! Metralhadoras, canhões, regimentos inteiros em actividade...

Contra esse oppressivo estado de coisas é que a mocidade brasileira procura e deve reagir, utilizando as suas puras reservas de espirito e coração. Ao Brasil desorientado e nevrotico de até agora, opponhamos o Brasil laborioso e prudente que a civilização está a exigir de nós. Sem vacillação, como sem ostentação. E' uma obra de refinamento interior, que sò os meios pacificos do jornal, da tribuna e da cáthedra poderão vehicular. Depois da destruição do jugo colonial e do jugo esclavagista, e do advento da fôrma republicana, parecia que nada mais havia a fazer senão cruzar os braços. Engano. Resta-nos humanizar o Brasil.



CAPITULO

Mario de ANDRADE

Andando por estes mundos apenas descobri uma profissão á qual o alemão não se adapta. A do garçon. O alemão não sabe, não pode ser garçon. Mostre-se embora rapido e solícito, simpatico, feliz não é eficaz. Essas mesmas qualidades indispensaveis no garçon se transformam no alemão em motivos de afastamento.

Sempre observei o comovente compromisso trocado entre o freguês que bebe e o garçon que serve. O verdadeiro freguês não pede sómente whisky e sanduíches, traz pro restaurante um diluvio de pedidos inexpressos inconscientes que urge satisfazer tanto como a sêde. Quem serve fleve saber disso. O verdadeiro garçon sabe disso. Com olhar e sorriso ventando brisas de despreocupação envolve o freguês numa atmosfera intima de paz e suavidade. E deve estar sempre atento. Porém que a atenção dele, êsse cuidado em servir bem e a tempo não se entremostre siquer, o freguês adquiriria a noção compressiva do minuto que passa—prejudicial ao descanso dele e á prosperidade do bar.

Outro dever principal do bom criado é saber desejar pelo freguês. Não se esqueça que êste é por excelencia o homem que pede. Pede até o proprio desejo. Em verdade si um homem senta-se ante a mesinha do Café e pede um chôpe e unicamente um chôpe é freguês perdido. Antes tranzeunte alterado cheio de trabalhos em seguida. Pois então o garçon se transfigura. Deve mostrar pressa pra que o negociante não esqueça a dele. Mas intencionalmente roçará o alvissimo frio do paletó pela mão ombro do sedento. Oh a maternal piedade dos linhos tão sadia! que nos incita a de novo trabalhar e vencer... O frescor ensalante do brim claro como previsão de pazes futuras prá mão que tremerá daqui a pouco assinando o contrato ou recebendo os cem contos que não lhe pertencem... Porém o homem do chôpe rapido não é freguês. Este é o sem-rumo tanto no tempo como na vontade. Vem. Se abanca. Entre os pedidos que não articula um dos mais preciosos é o de querer querer. O garçon tem de lhe propiciar o desejo. Deve penetrar-lhe no corpo conhecer-lhe num olhar os achaques. Descobrir tendencias adivinhar góstos inventar consolos recriar a alegria. Deve ir mais alem mesmo: lêr até nos segredos da sensação e sentimentos vagos enterrados no inconsciente pelos quais tanto se sofre sem saber porquê. Me lembro do dia em que freguês penetrei num bar do Rio de Janeiro. Não tinha nada que fazer. Banzava, meus desejos satisfeitos, sem esperanças nem saudades. Estava perfeitamente em dia comigo mesmo. No entanto não era feliz. Porquê? Foi quando me veio servir um brasileiro talvez mulato lembrando na pele essa cor quasi palida das práias. Porém o Sol crepuscular re-

flete os rubores na areia das praias. Assim êle. Que desejaria eu, Deus dos cristãos ! Queria querer. Era uma das razões do mal-estar, meu tédio. Carecia dessa dinamica do desejo, causa assú pela qual a vida interessa. Veja agora como o criado me serviu. Quando me deu o boatarde com a deiscencia dos labios rindo e os dentes decorativos comecei a me interessar desde logo. Me interessar, intransitivamente, sem complemento direto, reacção. Misturadamente êle me falou da beleza da tarde e precisão em que eu estava, de outra terra (descobrira em mim o paulista aliás coisa facil pelo paulista que está sempre do lado de fora dos paulistas) precisão de ir ver a queda da noite no Pão-de Açúcar e do extraordinario cocktail propriedade da casa. Senti a delicia da hora me orgulhei de São Paulo e pedi o cocktail. Entretanto si me pusera de novo a viver já interessado permanecia em mim a sensação de falta, pobreza, de omissão. Não estava ainda feliz. E bebia mal o cocktail tão detestavel como todos os cocktails. De vez em quando o meu garçon passava rapido mas bamboeante pelo meu olhar. Era que nem dansa habilissima que mal tocava o chão. O bailarino parecia feliz. Me regava de prazer como vaporizador benefico. Seus olhos de tanta luz ! me agasalhavam, se interessavam por mim, eu sabia...

—Já venho.

E foi levar o cocktail propriedade da casa a outro freguês. "Já venho" porquê ? Não o chamara. Mas já se aproximava sem me dar tempo pra sofrer com a inquietação. Lhe percebi no olhar um momento de intensa procura. Disfarçou dispendo melhor uma cadeira. Limpou o marmore limpo da mesa mostrando o punho suficiente. Muito calmo, arrastando o gesto.

—O senhor desejaria... cigarros?... fosforos !

Isso. Queimara fazia pouco meu último fosforo. Em breve lá fora talvez no bonde talvez na Atlantica sem charutarias metendo na boca o cigarro me faltaria fogo. Nem era propriamente a ante-sensação da contrariedade que me anulava o bem-estar atual e me deixava assim quasi infeliz. Era a falta imediata de fosforos mesmo sem vontade de fumar. O fumador carece de fosforos á mão mesmo que não esteja pra fumar. Carece de fosforos. Só isso. Lá vinha êle com os fosforos. Rasgara o selo que tanto impertina quando a gente abre caixa nova. Fazia a caixeta correr no resguardo me livrando assim de inuteis pequenininhos esforços futuros. Fiquei completamente feliz. Jantei bem. Fui no cinema. Beije com os olhos todas as mulheres que encontrei e.

Genial garçon ! Fosse eu rico êle seria meu, meu pra sempre ! meu até a morte !...

Incompetencia pra adivinhar os fosforos eis o principal defeito do Kelner alemão. Nunca desejará pela gente. Jamais em tempo algum ha-de ajudar a gente a querer. Fica sentado em cima dum rochedo qual junto dum penedo outro penedo, mudo loiro frio, muito loiro e frio... Não nego tenha qualidades servis. E' mesmo quasi sempre sollicito e discreto. Mas duma sollicitude que irrita e discreção que fere.

Quanto mais admiráveis os garçons franceses ! Não falo agora do criado inglês, Phipps, entidade romanesca, severo e absolutamente idiota . Impassível. Detesto o criado português, burríssimo e collocador de pronomes . Abomino o espanhol, pegajoso esguio, frequentemente de olhos verdes . O italiano seria bem mais apreciável mas tem unhas sujas—qualidade mais que inútil pra dispor sobre a mesa talher prato e a sensualidade traiçoeira das pastelarias .

A França é a terra dos poetas classicos e dos garçons geniais. Olhe como elle se multiplica liquefaz e transcende a desordem escura da vida subjugando-a metodizando-a . Nada tem de mais classico na França que a bem composta servilidade do garçon. A França criou o garçon. A propria França é o garçon da humanidade. Veja a literatura dela e artes todas. Onde o Shakespeare que revela ? o Dante que domina ? o Cervantes que descobre ? o Dostolewsky que acabrunha ? Onde o Rubens que incendeia ? o Miguelanjo que alucina ? o Mozart que diviniza ? Não. Porém sob a capa amarela encontraremos o adivinho dos fosforos. “Un peu de chaque chose e rien du tout, à la françoise” não ? Montaigne... Tem de tudo em dose humana e comedida. Divinatoria solicitude, abundancia amornante. discreção camarada. Racine e Colette, Ingres e Delacroix; Couperin e Massenet. Claridade risonha, felicidade e scepticismo, morte dos deuses, morte dos misterios e da bruma, meio-termo. Meio-termo ! Afastamento do angustioso e do incomensurável. Medida. Ordem. Clareza. Claridade !

França, filha unica da Grecia ! Garçon, filho de lavadeira ! Esta alimpou da truculência e misticismo barbaro da Asia a roupa branca que pelos seculos dos seculos resguardará de chuva e frio a epiderme da humanidade pensativa. Lavou genialmente. Linho mais alvo que Socrates, Plató, Aristoteles não tem. Mas não basta a roupa. O garçon veio preparar a janta succulenta e vária com pratos pra todos os estomagos e vinho pra todas as guelas. Riqueza carinho e comedimento. Curiosidades pra todos os curiosos, mediana calma pra todo os agitados, duchas quentes e duchas frias. Duchas escocesas. E sobretudo maravilhosamente o descobrimento dos fosforos... Eu te venero, França ! oh servidora ideal, garçon da gente !...

(do romance Amar, Verbo Intransitivo) — (INEDITO)



Momento brasileiro

Magalhães DRUMMOND

— I —

A esta altura da evolução nacional, já não é exaggero falar-se de um "momento brasileiro"

Afortunadamente l... Essas duas palavras já constituem bem uma "expressão": já ha uma idéa bem individualizada vivendo dentro dellas, que, assim, têm já um sentido distinctamente expressivo para quem quer que se não obstine em lh'o não perceber. E, em verdade, somente não n'ó apprehendem os espiritos obsecados pela obstinação de negar á nossa gente toda e qualquer "vis constructiva"

Para esses,—e somente para esses—continua a ter valor de axioma a affirmação da incapacidade do brasileiro para—effectiva e definitiva e congnadamente—se assenhorear do grande e formoso paiz que lhe é "habitata" e, assim, com dignidade, se assegurar um logar na Terra, entre os povos. Somente para esses,—(felizmente, dia a dia, mais raros),—"possessos do pessimismo", somente para esses, assim continúa a ser,—porque a verdade é bem outra.

Sim, que si ha uma incapacidade demonstrada, não é a do brasileiro para constituir uma nacionalidade e, assim, durar na sua terra: é, sim, a incapacidade desses pseudo-s ciologos para sentirem o profundo e profuso, intenso e extenso, formidavel e esplendido estuar de vitalidade que, precisamente agora, ahí está, por toda a vastidão da terra brasileira, pompejando em toda a sua seiva e em todo o seu viço, em poderosas e irreprimíveis manifestações creadoras. Ao velho e estafado prégão do irremediavel da nossa fallencia como povo, ao estafado e rancido refrão que proclamava ser o brasileiro indigno da sua terra, vae-se substituindo nos espiritos a certeza de que, si aqui a terra é boa, melhor, muito melhor ainda do que a terra é o homem.

Unicamente porque,—por affectação de *snobismo* senão por inviscerada tendencia ao cabotinismo, uns tantos espiritos superficialissimos e de uma aridez de areial—mantenham-se alhejados e insensíveis á verdadeira plethora de energias creadoras que ahí está rebentando em ecclosões magnificas, somente porque sejam assim incapazes de o perceber e indignos, por isto mesmo, da summa felicidade de viverem, no seu tempo, a vida da sua gente,—somente por isto não podem elles sentir e identificar o grande momento que o Brasil está vivendo, inegalado momento historico,—hora de apogeu,—na qual a nacionalidade se plasma, se modéla em môldes proprios e energicamente se affirma, para rumar,—direito,—á consecução do que constitue a vocação do seu genio

Momento brasileiro!... Afortunadamente, ahí está elle, indissimulavel e inconfundivel, accentuadamente diferenciado de qualquer ou-

tro, na nitidez das suas características actuaes e na sua visivel e inevitavel projecção sobre o porvir da nacionalidade .

A' falsa affirmação de que o actual momento brasileiro é,—peior ainda do que si fôra de anarchia mental,—por ser de absoluta amentalidade;—peior ainda do que si fôra de generalisada immoralidade —por ser de integral amoralidade; peior ainda do que si fôra de declinio que começa,—por ser de desaggregação que se ultima; peior do que de inicio de absorpção dos elementos brasileiros por extranhos elementos mais fortes, por ser a hora da decomposição na qual toda a tecitura do organismo se esfaz porque os seus mais nobres elementos estão delindo;—a uma tal affirmativa um desmentido completo e irrespondivel é opposto por toda uma trama de factos comprobatorios de que,—ao envez do actual momento nosso se caracterisar por uma raza amentalidade,—nunca, em nenhum outro, uma mentalidade brasileira se fez tão visivel nem apresentou taes condições de consistencia e de coordenação; de que ao envez de ser de completa amoralidade elle se assignala exactamente por uma poderosa reorganisação de forças moraes; de que ao envez de declinio, a hora é de accentuado esforço ascencional; envez de dissociação, é de condensação; que envez de estar delindo, o organismo se integra e se aperfeiçoa numa solidarisação cada vez mais forte e mais intima dos seus componentes; envez de estar se desaggregando, elle se reconcentra e se adensa, nos seus elementos melhores, e ganha consistencia, homogeneidade, harmonia e equilibrio, e adquire um rythmo proprio, e imprime uma peculiar eurythmia á synergia das suas forças .

Procurarei fixar em rapida notação algumas das manifestações mais visiveis dessa synergia nacional constructiva, caracteristica do actual momento brasileiro. Ver-se-á que, longe de ser o da animalisação da especie, caracteriza-se elle por um alto e nobre sentido da vida; que longe de se mostrar vasio de objectivos, apresenta-se elle como definidor da destinação da nacionalidade . Ver-se-á, principalmente, que ahi onde se affirmava haver apenas um chaos de inconsciencias, existe já,—formada e rutilando,—uma verdadeira constellação de consciencias; que ahi onde se affirmava haver apenas um conglomerato de interesses indifferentes,—senão hostis mesmo—uns aos outros, ha já uma theoria, um systema espirital, uma grande familia de almas torturada dos mesmos anceios e vivendo para as mesmas esperanças; que ahi onde se dizia haver só o entre-choque de ruidos discordes, é já possivel escutarem-se consonancias perfeltas e harmonias duradouras .

Procurarei, no desenvolvimento deste ensaio, provar que ha uma “idéa brasileira”, um “pensamento brasileiro”, um “espirito brasileiro” polarisando as idéas, os pensamentos, os espirites dos brasileiros; que ha um “ideal brasileiro” em que se enucleam e se concentram e em que se unificam e se harmonisam as melhores energias nossas; que o “problema brasileiro” prima, na consciencia da generalidade dos brasileiros, sobre todos os demais problemas, e que a convicção já se formou de que á sua solução só se chegará por um “criterio brasileiro”.

Ver-se-á que esse grande problema é—precisamente—o da “*organisação do Brasil para durar como Estado e como nacionalidade*”.

FUNDO DE GAVETA

Milton CAMPOS

Sendo um momento da eternidade, temos o eterno em nós. O scepticismo commodista é que nos leva á convicção de que somos passageiros.

*

A concepção espectacular do Universo, que o sr. Graça Aranha expoz em livro recente, é deliciosa para quem tenha poltrona de primeira. Mas ha homens commodistas, que preferem perder o espectáculo a vel-o da confusão das torrinhas. Dahí uma excellente e elegante justificação do suicidio.

*

Romain Roland é um musico *manqué*. Não podendo compor as symphonias geniaes que lhe turbilhonavam na alma, teve o recurso de crear *Jean Christophe*. Que recurso feliz !...

*

Diz-se que o instincto é máu, que o instincto é cego. No entanto, elle é a marca da divindade na creatura. O que conseguimos além do instincto é por trabalho nosso, com esforço doloroso. Com o instincto, vamos pelos caminhos direitos e claros; só com elle, não fugiriamos a nosso fim.—O soffrimento é uma criação da intelligencia

*

O infinitamente grande e o infinitamente pequeno têm as mesmas dimensões: o que predomina em ambos é a idéa de infinito, que é insusceptivel de medida e não pode, pois, ser grande nem pequeno.

*

Só o pensamento desinteressado pode ser realmente audaz. Rémy de Gourmont, por exemplo, para que ninguem estranhasse sua ousadia de pensador, allegava que escrevia apenas para aclarar as proprias idéas.

*

Diz uma oração que este mundo é um valle de lagrimas. Em phrase ainda mais líquida, é um oceano de amargura. Não vale a pena viver nadando eternamente, a romper com o peito as ondas. E' melhor que fiquemos, a principio, no raso, construindo pacientemente o nosso batel. Depois... "soltem se os remos!"—e vogaremos serenamente á flor das aguas, a ver a aza das gaivotas cortando o azul do céu...

*

Nosce te ipsum.—Conselho perigoso, que a poucos é dado seguir; quem resistirá ás vertigens que a gente soffre, ao debruçar-se á beira de um abysmo ?...

O tempo é infinito e indivisível. Mas o homem finge limitá-lo e dividil-o com a ficção dos annos e dos dias, para ter a illusão consoladora de que é o tempo que passa por elle, e não elle pelo tempo.

*

Escapou a Maeterlinck, quando escreveu o ensaio sobre o silencio, um exemplo frisante. O inacabado, nas realizações artisticas, quando intencional, impressiona mais fundamente, pela elaboração a que obriga a sensibilidade do espectador. O artista interrompeu a obra num ponto da execução, e dahi por diante ella é mais expressiva e communicativa. O inacabado é a parte do silencio nas obras de arte.

Bello Horizonte, 1922.

IRARIGOAN

AUSTEN AMARO

A. Magalhães DRUMMOND

Ponto por ponto, a frota de Cabral desvanecera-se...

Irarigoan, o chefe indio, deixara-se ficar no tópo do rochedo, o olhar demorado na linha do horizonte, como a seguir ainda o roteiro desconhecido das embarcações. Uma angustia inexprimível pesava lhe sobre a alma de barbaro, toda posta na anciedade inquietadora do olhar.

De onde teria vinda aquella gente?... De onde, aquellas monstruosas naus ?

Em sua mente, como um pesade'o acordavam os acontecimentos a que tinha assistido. Primeiro, lembrou-se, surgiram uns pontos negros lá onde o ceo se abre para lançar o oceano !...

Mais e mais, foram-se accentuando os contornos da apparição E, diante do olhar dilatado de sua gente, daquelles bojos enormes desapegaram-se embarcações minusculas... e que vieram, lentamente, até a praia.

Reavivou-se-lhe no intimo o primeiro impeto que tivera de receber aquelles homens bizzaros com um grito de guerra . Recordou-se, então, que um medo extranho, no momento, entorpecera-lhe a vontade.

Ahi o semblante do cacique voltou-se para a terra, e seu olhar baixou sobre a taba da grande nação aborigene. Adivinhou, no meio daquellas choças, o seu povo contente com as dadas dos brancos. Entreviu feliz a sua gente com aquelles mimos nunca vistos. E, reconhecendo que a submissão succedera ao espanto, acabrunhou-o a passividade de seus homens.

Vagueou, lentamente o olhar pela ondulação azul das collinas. Lá, bem em baixo, como um gigante de braços abertos para o ceo, estava o marco deixado pelos brancos. O olhar do cacique cahiu sobre elle.

(Continuano fim da revista)

A situação

G. CANÊDO

O «momento», passo em falso que deu a Nacionalidade, não traz de vencida a «resistencia». Esta é a expressão viva da alma collectiva nacional, que ainda não é a ficção e o «*flactus vocis*». Temol-a. Mercê do pensamento politico brasileiro, reconstructivo e adequado á regeneração ethica do palz.

A proposição expozada por quantos volvem a attenção a esse assumpto, que clama a ausencia dessa nossa alma collectiva, no sentido absoluto, não representa á verdade, o minimo vestigio da falta de homogenidade cohesa do espirito social e politico do Brasil.

Tem o palz, na Republica, cedido terreno, pela excessiva liberalidade da sua Lei, ás ambições de toda sorte que se articulam contra elle. Mas, o factio não vem explicado pela desarticulação do aparelho organico que regula a nossa vida politica ou administrativa. Não; o espirito joven desta Patria, ainda e com segurança sustem a brasilidade sã e a aspiração que lhe ajusta á estructura a «ideia—divina» de Hegel !

E' a esta que se prende o pensamento dos povos hodiernos das grandes civilisações, em cuja consciencia se alimente um estalão intimo de grandeza e progredimento.

A formação da unidade de uma gente, em todos os sentidos e modalidades, é a resultante de um phenomeno de ordem espirital, em que o factor moral e psychico é a condição *sine qua*.

E, se o espirito politico nosso não atravessa periodos de incubações mentaes, em detrimento das altas perspectivas nacionaes, que desafogam o regimen do chaos da tranqubernia, onde a inexistencia da alma collectiva nacional ? Temol-a. Não sejamos pessimistas. A persuasão da derrota, é a derrota infallivel.

“Não ha nada peor para um povo, do que a auto-suggestão da sua decadencia”, cuja força, em que se imbebe a consciencia humana, toma-a de vertigem, resultando-lhe a queda irremediavel.

E' nesta alta e vigorosa «vis» pycologica de Foullée que o Brasil se espelha, para dess'arte testemunhar à vista de todos os povos, a robustez e lucidez da sua mentalidade politica.

A luta que sustentamos contra a voragem, para zelar o nome de povo de passado consciente, em nada abala o *todo* da nossa collectividade. E' apenas, a ansia de um aizejo incontido de ligar o futuro que nos prescreve, o destino de uma grande Republica, aos legados fastos da nossa historia gloriosa.

E' esta, a forma de patriotismo, que á luz do amôr á tradição, nos guia á posteridade de um amanhã luminoso. Nada de pessimismo. A nação atravessa a quadra mais delicada de sua vida—premissas economicas e financeiras, moratorias que curvam o nosso credito, guerrilhas caricatas que nos individam, agudas crises de producção, pesado regimen tributario, emigração do dinheiro nacional, paralyzação de negocios, retracção do numerario e a consequente depressão cambial. Mas, governo e povo brasileiros, irmanados a beneficio do soerguimento da normalidade do Brasil, não vêm entaves ao grande emprehendimento.

A reconstrucção do paiz hade basear-se na consciencia, no brio e bravura dos nossos responsaveis, em causa commum com toda a gente brasileira que pretender uma Patria feliz.

Imaginemos nós mesmos, o *fundings-loan* moral contrahido com o proprio Brasil e façamos mira o objectivo da contemplação desinteressada das coisas, ao amôr da terra em que nascemos, á probidade, energia e proposito de nos conduzir ás futuras perspectivas reivindicadoras.

Abramos as nossas portas á confraternisação universal, para que o egoismo e a nefasta ideia do nacionalismo—exclusivista de nativismo estreito, ceda logar ás correntes immigratorias cosmopolitas.

O sopro de reacção bemfazejo que às maiores civilisações presentes animou, depois da tremenda carnificina que ha onze annos ensanguentou a humanidade, foi a disseminação por toda parte, dessas correntes humanas, egressas do Velho Mundo.

Ainda muito prescindimos do concurso daquelles que se abrigam á liberalidade excessiva da nossa Bandeira, para conosco, no labor commum, formar uma terra feliz e engrandecida. Conserval-os na vastidão immensa do nosso seio e reclamar ainda o seu advento ás nossas actividades, é contribuir com efficacia para o Brasil-futuro, dentro ás normas de verdadeiro nacionalismo. Não porém desse nacionalismo moderno que enche revistas, livros e jornaes, avassalando displicentemente o espirito do nosso povo, em que a exclusiva finalidade aviltante é «desportugalisar» a Patria...

O braço estrangeiro de que depende o indice de diffusão e saneamento perfeitos do nosso trabalho productivo, pelo territorio nacional inteiro, não é o chinês, allemão, japonês, hespanhol, italiano ou portuguez, mas qualquer que seja, uma vez que á sombra do labor fecundo, coopere para a nossa felicidade economica.

Para que seja ainda mais nossa, a nossa Patria, façamol-a do imigrante.

E' mais um passo de salvação.



TEJUÇO

(Trecho de um poema)

Pedro NAVA

II—MUSICA

Violão e sons oblongos no dia longo.
Os minuets de Vercélhes,
teem outro som dançados na côrte do Tejuço.

O violão põe rithmos mestiços,
põe coleios longos,
requebros bruscos e
sinuosidades perfidas
no minueto de Chica da Silva.

O minueto é lumdum,
é jongo, é catêrêê,
na côrte mulata do Tejuço.

V—DIAMANTIDA

Tudo acabado . . .
Tudo, queimou sól,
queimou tudo e cançado,
capenga com' elle só,
veio vindo, veio mancando,
se firmando nos beiraes,
pra beber no barranco,
a lagôa
da rascôa.

INGENUIDADE

ABGAR RENAULT

*E si o teu coração emfim,
pensasse em mim ?*

*E si eu vivesse, um só momento,
na ronda inquieta do teu pensamento ?*

*E si o meu vulto desencantado
enchesse, como um grande sonho triste
o nocturno mysterio desse olhar ? . . .*

*E si a minha alma de incontentado
da Belleza e do Ideal pudesse, um dia,
para tua alegria,
se espetalar
serenamente, luminosamente,
como uma grande flôr de luz, na tua estrada ? .*

*E si tuas mãos lyricas de fada
viesses, num gesto simples de milagre,
redimir e sagrar o meu Destino indifferente ? . . .*

*E si o meu coração
pudesse desfazer-se em versos commovidos.
para encantar, por um minuto vão,
numa voz de segredo, os teus ouvidos ?*

*E si a minha vida rude
pudesse ser, na sua amarga solidude,
como um lago azulado e tranquillo, a espelhar,
na superficie calma,
todo o céu tremulo de estrellas que é tua alma ?*

*E si a alegria fulgurante dos teus olhos
se houvesse entristecido
por haver comprehendido
o ingenuo, o melancholico silencio dos meus olhos ? . . .*

Setembro, 1924.

DUAS FIGURAS

ALBERTO CAMPOS

O BARRETE DE S. CORNELIO

De como o pequeno Tertuliano, com uma applicação de thêrapeutica divina, perdeu a crença.

Tertuliano foi educado n'um meio severo e quasi monacal, que era o de sua familia. O pae praticava integralmente a religião catholica, o que, a principio, inquietou Tertuliano, pois seu pae, homem de rara intelligencia e que vivia entre livros, temia a Deus. Tertuliano pensava que Deus fosse uma creatura analoga ao personagem de um livro, que elle, attrahido primeiro pelas illustrações, depois pelas aventuras, lia na bibliotheca, aproveitando-se da distracção do pae. O livro era de Cervantes e o personagem era D, Quixote. Dahi o elle inquietar-se—seria possivel que seu pae temesse aquelle homem pobre e bom, que marchava sobre moinhos de vento e vivia em companhia de Sancho Pança ?

Estas ideas vinham á cabeça de Tertuliano quando elle se deliciava com as aventuras infantis de D. Quixote. Como elle só contava nove annos, as idéas vinham e fngiam immediatamente.

Passaram-se os tempos e, com elles, estas idéas de Tertuliano. Aos quinze annos elle acreditava fervorosamente em Deus, apezar de não fazer d'Elle nenhuma idéa, ou talvez, por isso mesmo. Aos nove annos, julgando-O analogo a D. Quixote, divertia-se com Elle; aos quiuze não O comprehendia e, portanto, temia-O.

Neste tempo, Tertuliano, apprendendo latim, lia Virgilio. A sua attenção nunca foi despertada para o seu nome, o que prova sua innocencia e candura. Como elle era intelligente e tinha quinze annos, idade em que os mysterios dos sentidos começam a ser percebidos confusamente, os senhores não se surprehenderão de saber que uma tarde, ouvindo Chopin, a sua imaginação entreviu o braço da filha de um seu vizinho, o braço e talvez o rosto. Tertuliano preoccupou-se com isto, pois, pensava elle, a imagem devia ter surgido, não fragmentaria, mas integralmente, corpo inteiro. Esta analyse interior foi rapida, coma era natural em uma creança. Tambem rapido foi o esquecimento de Chopin, do braço e da filha do vizinho.

Nesta idade em que para Tertuliano tudo era mysterio, sua familia entrou em delirio mystico com um presente que seu pae recebera de um arcebispo, vindo de Roma. O presente era um milagroso barrete de S. Cornelio que, além das virtudes inherentes ás cousas de Santos, curava dores de cabeça. Tertuliano tinha uma crença inabalavel no barrete. Ficava, ás vezes, em extase, contemplando aquelle pedaço de velludo esgarçado e sujo, sem que viesse á sua intelligencia a menor duvida a respeito de milagres.

O barrete foi applicado, com maravilhosos resultados, a toda a familia. Como Tertuliano soffria de enxaquecas, não tardou em experimentar o infallivel remedio. A familia reunida constatou mais uma vez o poder de Deus e dos Santos. Tertuliano, que estava excitadissimo, declarou, logo depois que lhe foi collocado o barrete, ter desaparecido a dôr. Mas o certo é que a dôr não havia desaparecido; elle dissera que sim, por acreditar mais em milagres do que em si.

Passados uns dias, nova applicação. Reune-se a familia. Apesar de já estar durante dez minutos com o barrete na cabeça (tempo bastante para despertar vaidade ao proprio Deus), a dôr não se ia embora. Tertuliano começou a achar ridiculo aquelle quadro, em que elle, sentado em uma cadeira alta e de barrete vermelho na cabeça, tinha toda a familia ajoelhada deante de si. Decorrida meia hora, Tertuliano disse ao pae que a dôr continuava. O pae e toda familia indignaram-se, chegando a chamal-o de mentiroso. Desde então passaram a tratal-o com o maximo rigor, castigando-o com frequencia. A fé costuma cegar mesmo os paes. Tertuliano, do mesmo modo que não o acreditavam, passou a não acreditar em milagres. Não podemos penetrar os seus pensamentos, mas a verdade é que Tertuliano perdeu a fé. Elle costumava dizer que o symbolo mais sombrio era o de um homem, orando de joelhos.

Como o destino é ironico e confuso, fel-o medico. Hoje, Tertuliano acredita nas drogas.

SIMÃO, O MATHEMATICO

Eramos companheiros nas aulas de mathematica, não só nas aulas, mas em tudo, pois a nossa amizade nos unia desde pequenos. Simão, tendo começado os estudos commigo, e tambem por sermos da mesma terra, nutria por mim um sentimento de amizade eu, somente, de camaradagem.

Não digo que era amizade, porque Simão tinha, de mim, uma certa desconfiança. Isto não o soube por elle. que certo se aca-

nharia em m'ò dizer, mas por um seu amigo, o João, que fazia maus versos e só fallava nelles. João não era pouco intelligente pelo facto de fazer maus versos, o que é uma crise commum na sua idade, mas sim por sò fallar nelles, sendo mais do que indiscreção, pois João já era maduro. Mas, reatando, Simão dizia que esta desconfiança vinha do meu genio um tanto alegre e ironico, ficando elle receioso de se expandir em minha presença. Havia muito, tendo notado o seu afastamento, que procurava captar, de novo, a sua amizade, porque Simão era um rapaz intelligente e de bons sentimentos, e tambem por serem amigas as nossas familias. Sendo elle bom e intelligente, não me foi difficil conseguir, pela segunda vez, a sua amizade. Mas o que nunca consegui foi saber porque o haviam appellidado «o mathematico». Simão não tinha grande queda para a sciencia dos numeros, mas isto não quer dizer que elle fosse incapaz de comprehender. Fosse por não estudar, ou por não se interessar em comprehendel-as, o certo é que Simão não sabia nada de mathematicas.

Ultimamente, havia mudado muito, De folgazão que era, passou a contemplativo e melancolico. Se mudar de genio equivale a mudar de habitos, Simão havia mudado inteiramente de habitos. De amante de festas passou a amante da natureza, que, segundo elle, «não deixa de ser uma eterna festa para os que a sabem comprehender e emprestar, a ella, um pouco de sua vida, o que equivale a um pouco de movimento.» Podemos dizer que Simão não se contentava com este pouco, emprestando á natureza toda sua vida, dahi o andar elle melancolico, e mesmo, se quizerem, com vontade de abandonar os homens. Não preciso dizer que Simão era desattento nas conversas, as poucas que consentia aos amigos, pois elle não se entregava mais a este prazer, que segundo dizia, «obriga o homem a sahir de si mesmo e viajar pelos outros, trazendo comsigo, quasi sempre, uma desillusão.

Para conciliar o seu amor da natureza com o seu desamor dos homens, pois elle vivia na cidade, Simão sahia todas as tardes e manhans, em demorados passeios pelos parques. Por fim elle não se contentava mais em sahir duas vezes ao dia, vivendo, mesmo, num delirio ambulatorio. Quando não o era pelos parques, era pela rua. Diziam uns que elle era um homem desilludido da vida, sendo ou não verdade, o que não resta duvida é que elle vivia em convivio com a natureza, mesmo dormindo. Pois, saibam os senhores, não aconteceu só uma vez, Simão fallar, altas horas e de olhos fechados, que estava em colloquio com os regatos e, muitas vezes mesmo, ouvindo fallar as seivas das arvores. Alguem achava que era amor, mas o que penso ser certo é que era loucura.

Simão sahía de casa muito cedo a perambular pelas ruas, com os olhos muito abertos e muito brandos, olhar de louco, como num encantamento, em que tudo lhe parecesse alegre e sentindo um extase de belleza não só deante das cousas bellas, mas também das feias, porque dizia elle «não existem cousas bellas nem feias, a belleza está em nós». Simão entrava no parque e depois de ficar tempos esquecidos sob as sombras das arvores, começava a andar desesperadamente por todos os recantos. Se parava, era para ficar contemplando os beijos voluptuosos com que as ondas de um grande lago beijavam a terra. Um dia que encontrei Simão à beira do lago, elle me disse com uma voz quasi extincta: o repuxo é um desejo do lago para o ceu. Arregalando mais os seus olhos azues, porque Simão tinha os olhos azues foi andando muito serio no seu terno já russo.

*
* *

Passei muito tempo sem vel-o. A ultima vez que o encontrei foi em uma praça de banhos. Simão sempre alheio a si mesmo. Mas agora maltrapilho, com as botas rasgadas e as unhas de luto. Por entre a barba, via-se-lhe o rosto magro e pallido. Apesar dos seus vinte e um annos a barba era grisalha. Perguntei-lhe o que fazia alli. A resposta foi que estava alli «para ver o mar para sentir o mar, mas não dalli da praça, que não se via nada, e sim em logar que só fosse mar e céu», e por isso me pedia que lhe emprestasse vinte mil réis, para, alugando um barco, satisfazer este desejo. Simão teve o dinheiro, e com o dinheiro o barco. Remou para fóra da barra, e como com elle não havia mais ninguem, foi remando sem pensar na distancia que percorria, tornando difficil a volta. Não, pensava na distancia e tanto assim que, quando voltou os olhos para os lados e para traz, os olhos não vendo mais que céu e mar, brilharam de alegria, da alegria que pode brilhar nos olhos de um louco. Tomou de uma machadinha que trazia consigo e collocou-a no fundo do barco. Inclinando o corpo para o mar, molhou as mãos e a barba e, ficando de joelhos, começou um ritual, que não sendo de nenhuma religião, devia ser da loucura. Depois disto sentou-se. As suas mãos tremulas pegaram na machadinha e, com ella, furaram o fundo do barco. A agua entrava em borbotões, enquanto Simão, extatico, olhava não para a agua que rompia pelo buraco, mas sim para o limite das aguas com o ceu.

Quando o barco ia se afundando, e com elle Simão, seus olhos brilharam com um brilho de arrependimento, ou, provavelmente, de beatitude.

Foi desta morte singular que morreu Simão, o mathematico.

JANEIRO

JOÃO ALPHONSUS

*Meio dia Janeiro
Paralytia paroxista
O sol carrasco nos carrascaes*

*Abre as janellas e desce as cortinas amarellas
MEU SOL*

*Nos bosques longinquos aguas cantam nos cantos
Uma frescura de boas vindas para quem lá entra
Mas os bambos bambús não bamholeiam no
Morno mormaço*

*Eu já sorri ao sol meninamente
Entrei nos bosques que me acolhiam com mãos frescas
Sombra tão boa quando o sol castiga
Gangorrei rindo nos cipòs
Nadei nû na agua que havia lá no canto cantando
E' bom lembrar no meio dia do nosso amor
MEU SOL*

*Agua limpida que bebes no copo verde
Atira o resto para as begonias da janella
No terreiro as gallinhas abrem o bico
Batem azas inuteis
Talvez pensem que bom voar
Janella aberta para o verde
Quando chove escorrem pingos verdes na paysagem da
Desejo de chuva (vidraça)
Desejo de amor*

*Sê com as arvores biblicamente
MEU SOL
Mas não te moves
Nada se move
A vida é tanta que parou*

A séde da comarca de Gorutuba

Alberto DEODATO

Gorutuba, elevada á cidade nos meados do seculo passado, anti-quissimo pouso de bandeirantes e rancho da cruz de Aspiloueta, ha vinte annos que è cabeça de comarca sertaneja. Em duas praças quadradas se escoram setenta pardieiros, especados na frente e nos fundos, de telhados encardidos onde as parasitas brotam no inverno do limo viçoso. A Praça da Matriz e a Praça do Mercado ligam-se pela rua da Frente, que beira um rio barrento. Na primeira pompeia uma igreja, acachapada de torre e sacristia, com um sino ao lado, pendurado num toco de gamelleira, que lhe dà ao oitão uma sombra carinhosa. E' tranquilla e pittoresca e ahi vivem, bicando e roendo a grama tenra e fresca, os gallinheiros da redoudeza, meia duzia de jumentos e ovelhas de cambão. Pelas portas, escarrapachadas nas espreguiçadeiras, derramadas nos batentes, cavaqueiam matronas vizinhas pelas noites enluaradas. Na ontra praça, a do Mercado, o tempo descascou a ultima pintura do forum, grudado de editaes delidos pelas chuvas e picados pelos garotos; o barracão do mercado abriga bruacas e cangalhas e a casa do juiz mostra ao sertanejo affrontado as vidraças das janellas, por onde elles espiam cousas nababescas: cadeiras de palhinha, jarrões de porcellana e uma montoeira de livros sobre as prateleiras. Quatro ou cinco casas de fazendas, seccos e molhados escancaram as portas onde se esticam roupas feitas de carregação e por onde se penduram artigos de bazar. Sobre o cavallette espicha-se a manta de carne secca com o preço do kilo em letras azues sobre papel pardo. As moscas zumbem em roda. Os commerciantes espicham-se no balcão, com a cabeça sobre as medidas e o palito trincado nos dentes, giboando a digestão pesada.

Na rua da Frente, que beira o rio, a cidade vive a vida pittoresca do sertão. Ahi pousam os tropeiros encardidos da viagem longa, tostados ao sol candente das caatingas, acostumados a tanger tropas e boiadas dos confins goyanos e reconcados da Bahia, palmilhando, de pouso em pouso, as estradas reaes, ao som dos guizos dos madrinheiros e ao estalo das linhas no ar turvo de poeira. Derrubam as cargas da rua da Frente, ao longo do rio, cangalhas sobre cangalhas, costal sobre costal, ao abrigo dos couros. Enquanto a tropa suada lambuja, por perto, os restolhos da grama que tapeta a rua, os tropeiros procuram a manga para alugar; aquelles cuidam de bater as cangalhas, e, com a faca de ponta, arremendar os couros e os embornaes; e os cozinheiros das tropas, trazendo gravetos seccos apanhados nas estradas, penduram os caldeirões nas trempes de forquilhas e accendem o fogo. Até que ferverlhe o arroz, estendem-se, cançados, nos couros, ao calor do braseiro, chegando aos olhos o chapèo de couro, as mãos enfiadas nas calças por debaixo do cinturão.

A rua, á noitinha, cheira a carne assada. Misturam-se gargalhadas frouxas ás historias ouvidas attentosamente, de olhos pregados no fogo, entre baforadas cheirosas de bom goyano, feitó no caminho e conservado atraz da orelha. São casos da estrada vividos nos pousos: as assombrações do Urucuiá, o fantasma da Cruz do Ribeirão, as febres do Jequitahy a tentação da cabocla brejeira que mora no rancho, á beira de um riacho, p'ra cá da ponte velha, cujos olhos pretos pegam que nem visgo e os beijos sabem a sapoti.

Mais adeante, alinham-se as casas onde os tropeiros se perdem. As economias penosas ficam-se por lá nas casas das trigueiras lindas, que trocam o corpo carnudo pelo mil réis do tropeiro. São bahianas do Remanso e da Lapa, com os dentes cerrados em triangulo para não apdrecerem e com o pescoço enrolados de bentinhas e medalhas milagrosas do Senhor Bom Jesus. São mineiras do São Francisco e do Paracatú, com feiticeiras baratas nos dedos encardidos. Todas ellas têm o seu bem a chegar: um pedaço de tropeire queimado e varonil, de quem não recebem dinheiro, mas aceitam os mimos baratos, o cacho do cabello encastoadado e o retrato tirado no turco, para pendurar na parede do quarto, entre flores de quaresma, como recordação.

Trincando um charuto cheiroso, de cabellos lustrosos de banha de cheiro, saltitando sobre as sandalhas de salto alto e peito bordado, vão roçagando as anaguas engommadas, sob os vestidos de chita vistosa, pedir ao tropeiro que chega noticia do seu homem. Si lhe respondem que o deixaram longe, a cabocla, fistulada de saudade, cuspindo, entre os dentes, o sarro do charuto, de banda, lamenta:

—Ô peste malvada!

Mas, se elle chegou... que alegrão! Sáem os dous abraçados pela rua e recolhem-se de portas fechadas ao rancho de burity para algum estranho não perturbar o noivado tranquillo...

A cidade assenta num chapadão, ao pé de uma serra donde se despenca, encaichoerado, o rio Gorutuba. Em noites de lua, quando o olhar delinea os contornos da terra pelas curvas nitidas dos montes silenciosos que se perdem na amplidão, parece que a propria lua se derrama serra abaixo, pelos pedroços claros.

Do romance "Flôr do cardo"—(INEDITO)



Sobre a tradição em literatura

CARLOS DRUMMOND

Os escriptores que falam em nome de uma tradição são justamente aquelles que mais fazem por destruil-a e contribuem para a sua corrupção. Ao contrario, aquelles que não se preocupam com os fantasmas e fantoches do passado mantêm inalteravel a linha de independencia intellectual que condiciona toda criação de natureza classica. São estes ultimos os verdadeiros tradicionalistas, por isso que o proprio da tradição é renovar-se a cada epoca e não permanecer unificada e catalogada. Romper com os preconceitos do passado não é o mesino que repudial-o. Uma lamentavel confusão faz com que julgemos toda novidade malsã, e toda velharia saudavel. Este conceito equipara as obras literarias aos xaropes e outros productos pharmaceuticos: quanto mais tempo de uso, mais recommendaveis... A verdade é que o tempo, reage sobre qualquer livro de duas maneiras: debastando-o e emprestando-lhe novas apparencias. Por um lado, tira-lhe todo interesse que seja do tempo, e que com elle se adelgace; por outro, empresta-lhe uma consistencia que o torna capaz de impressionar sensibilidades de tempos muito diversos. Assim, um livro de 1500, lido em 1925, não é o mesmo livro de então; morreu um pouco e tornou a nascer outro pouco. E' um outro livro, de um outro autor.

O que chamamos de tradição propriamente não existe. Que vem a ser uma tradição literaria? Talvez o mosaico fantasista e caprichoso com que o tempo se divertiu em transformar a successão de obras e autores que constituem uma literatura? Não pode ser mais do que isso, e a nossa epoca, terrivelmente dotada de espirito critico, acha pouco. Temos, pois, mais que o direito de desrespeitar essa falsa tradição: temos o imperioso dever. E só assim faremos dessa materia morta e pegajosa dos seculos uma argilla ductil que sirva às nossas criações. Será mantendo essa independencia espiritual, talvez ingenuamente feroz, mas francamente constructiva, que reataremos o fio tantas vezes perdido do classicismo. Os nossos avós intelligentes não desejariam de nós outra coisa. Copial-os é o mesmo que injurial-os. Recolhamos o seu espolio, sem excesso de veneração; temos que proceder a um grave inventario de suas pretendidas riquezas. O presente não pôde estar a soffrir os continuos «bluffs» do passado. Seremos duramente julgados amanhã, porque é cada vez maior esse diabolico senso critico que dis-

tingue o homem moderno (1). Poderemos, pois, perdoar aos nossos antepassados? Mais que uma fraqueza do coração, será uma fraqueza da intelligencia.

Que cada um de nós faça o intimo e ignorado sacrificio de suas predilecções, e queime silenciosamente os seus ídolos, quando perceber que estes ídolos e essas predilecções são um entrave á obra de renovação da cultura geral. Amo tal escriptor patricio do seculo 19, pela magia irreprimevel de seu estylo e pela genuína aristocracia de seu pensamento. Mas se considerar que este escriptor é um desvio na orientação que deve seguir a mentalidade de meu paiz, para a qual um bom estylo é o mais vicioso dos dons, e a aristocracia um refinamento ainda impossivel e indesejavel, que devo fazer? A resposta é clara e recta: repudia-o. Chamemos este escriptor pelo nome: é o grande Machado de Assis. Sua obra tem sido o cipoal em que se enredou e perdeu mais de uma poderosa individualidade, seduzida pela subtileza, pela perversidade profunda e artilosa deste romancista tão curioso e, ao cabo, tão monotono. Deu-se com a obra de Machado de Assis o mesmo que o desabusado João Cocteau conseguiu lobrigiar na obra-tabú de Anatolio France (2): ambas são apparentemente classicas, porém sem nenhum classicismo authentic: este só é denunciado pelo correr dos annos, que reage sobre os livros pela maneira dupla indicada mais acima. «Cherchez donc le classicisme futur dans ce qui ressemble le moins aux classiques (3)». Eis ahi o segredo da debilidade mortal de Machado de Assis. O escriptor mais fino do Brasil será o menos representativo de todos. Nossa alma em continua effervescencia não está em communhão com a sua alma hyper-civilisada. Uma barreira infinita nos separa do creador de Braz Cubas. Respeitamos a sua probidade intellectual, mas desdenhamos a sua falsa licção. E é inutil accrescentar que temos razão: a razão está sempre com a mocidade.

(1) Os modernos intransigentes discutirão esta affirmativa. Para elles, o excesso de critica, dominante nos annos anteriores de 914, se resolveu no excesso contrario, de extrema passividade ante os phenomenos do mundo exterior. O pároxismo das doutrinas estheticas chegou a DADA; repetiu-se o descabro da torre de Babel. Agora, o escriptor foge de theorias e construcções abstractas para trabalhar a realidade com mãos puras. Não creio nessa decadencia do espirito critico. Em Paris, ha um novo rotulo que faz pensar: o supra-realismo... Enfim, deixo de discutir a questão, que foge ao objecto do meu escripto.

(2) «Revue Mondiale». Resposta a um inquerito de Gastão Picard sobre France.

(3) Ainda Cocteau. «Enquête sur les maîtres de la jenne litterature», de P. Varillon e H. Rambaud.

A' margem de Pascal

MARTINS DE ALMEIDA

Pascal, pelas multiplas faces de sua natureza proteiforme, tornou-se quasi, uma criação pessoal. Cada temperamento critico accentua alguns de seus traços e apaga outros, julgando revelar a verdadeira physionomia do seu espirito. Chego a afirmar que ha tantos Pascal quantas as intelligencias que o criticaram. As feições intimas do autor de Pensées creadas por Port; Royal, Cousin, Maurice Barrés e Brunetière em nada se assemelham. Deverei olhar a meu modo, tambem, a immensa paysagem intellectual que o grande pensador nos apresenta. Eis os traços que accentuei:

Pascal foi producto de extrema cultura e civilização fatigada. Trazia um cerebro prodigioso atormentado pela multiplicidade desconstruida das idéas e uma alma infinita torturada pelos sobresaltos da duvida metaphysica.

O feitio predominante de seu espirito era o scepticismo. Procurou combatel-o em si pela continuidade do pensamento e o esforço da vontade encaminhadós no sentido religioso. A historia dolorosa de suas idéas provem do estado simultaneo de sua sensibilidade: a impotencia e, ao mesmo tempo, a ancia para crêr.

Duvidando de tudo, o pensador francez procurou tranquillizar a inquietação dolorosa de seu pensamento. Nelle, as manifestações profundas de crença nasciam de resoluções fortes e não de uma disposição de espirito ou de um modo de ser da sensibilidade e da intelligencia.

«Les objections 'des impie ne doivent pas nous arrêter. Si la raison est impuissante que la volonté y remédie». Crente no detalhe de seus raciocinios e sceptico na maneira de ser de sua natureza.

Indiscutivelmente havia em Pascal uma exigencia sentimental de religião. Elle vivia, no fundo do seu ser, a alma fervorosa de seus antepassados. Vê-se, nelle, a permanencia dominante da sensibilidade e da idéa religiosa. Mas o autor de Pensées se divorciou pela intelligencia do dogma hereditario.

Em Pascal a crença é a forma mais alta do seu scepticismo. Chegou á incredulidade pela logica do pensamento. Os raciocinios encadearam o seu espirito num circulo de negações. Atormentado pela inquietação metaphysica duvidou dos proprios argumentos da razão. Procurou resolver o problema do mundo em harmonia com as necessidades moraes de seu ser. Toda a sua argumentação em favor da religião christã provem do desejo de satisfazer um fundo religioso que permaneceu na sua sensibilidade. Assim, elle o mais logico dos pensadores estabeleceu a primazia das razões do sentimento sobre a logica do pensamento.

A disposição e a natureza da alma de Pascal não era muito diversa da de Renan. Si dosassemos o espirito do auctor de *Pensées* com um pouco mais de voluptuosidade, poderíamos vel-o entregue ás phantasias de uma imaginação metaphysica, ao capricho de um epicurismo intellectual, ás libertinagens elegantes do pensamento. O convívio absorvente de sua intelligencia com as idéas de Montaigne vem comprovar o que afirmamos.

Pascal nunca abandonou o traçado superior dos seus raciocínios lógicos. O argumento que põe a ordem sentimental acima da ordem racional provem da propria razão. Já disse um dos seus criticos: «Il n'ya rien de si conforme a la raison que ce desaveu de la raison». Realmente. As suas idéas estão em contradicção com a liuha intellectual a que estão submettidos os seus «*Pensées*». O espirito da obra nega os pensamentos isolados.

Pascal nos falla repetidas vezes que é preciso humilhãr a razão «s'abetissant». Ninguém caminhou em sentido mais opposto do que elle proprio. Não ha natureza menos instinctiva, menos sentimental, menos automatica do que a do pensador francez.

Na realidade, Pascal crê somente na fé do carvoeiro. Em verdade è preciso «s'abetir». Eis o que elle nunca conseguiu. Pascal sente mas pensa o que sente. Nelle o sentimento se transforma inevitavelmente em pensamento. Sofre, em tudo, a tyrania de sua natureza intellectual.

A crença se alimenta de idéas vagas e sentimentos obscuros. Em Pascal assistimos á decomposição do extase mystico

A fé religiosa não se concilia com a lucidez pascaliana «La volonté est un des principaux organes de la creance; non qu'elle forme la creance; mais parce que les choses sont vraies au fausses selon la face par ou on les regarde. La volonté, qui si plait a une plus qu' á l'autre, detourne l'esprit de considerer les qualités des choses qu'elle n'aime pas á voir.» Concebe-se que se chegue a crêr empregando o processo de taes dissecações psychologicas? Poderão permanecer vivas as fibras destacadas do sentimento em que o raciocinio penetrou com a firmeza cortante de um bisturi?

A certeza mais forte que se pôde tirar dos «*Pensées*» é que durante todo o tempo que Pascal os escreveu, não possuia uma crença. Nunca a duvida metaphysica tomou uma face tão tragica devido a seriedade com que foi encarada, «L'obscurité prouve la religion bien loin de pou voir etre invoquée contre elle!» Apesar dessa affirmacão, quem foi que mais quiz clarificar os symbolos obscuros da religião e raciocinar as suas verdades sentimentaes do que Pascal?

«La foi est differente de la preuve». Um verdadeiro crente nunca distinguiria essa differença como o fez o pensador francez. As almas simples têm fé porque julgam possuir provas. Si a crença só pode ser revelada em primeiro logar ao coração onde estão as phrases de unção mystica e de sentimento fervoroso do grande pensador?

Um só trecho da Imitação de Christo communica mais fervor religioso do que todo o «*Pensées*». Ha em toda aquella obra uma atmospherã glacial de intellectualidade. A geometria clara dos seus pensamentos

dirige-se a intelligencia e não a sensibilidade. Ninguém elevou mais o valor dos argumentos do coração, mas ninguém o poz menos em circulação do que Pascal.

«Il est aussi inutile e aussi ridicule que la raison demande au coeur des preuves de ses premiers principes, pour vouloir y consentir, qu'il serait ridicule que le coeur demandât á la raison un sentiment de toutes les propositions qu'elle demontre, pour vouloir les recevoir». Pascal muito francezamente disassociou a ordem da intelligencia da do coração. Seria necessario corrigir o exaggero. O espirito é um todo continuo. As diversas faculdades têm correspondencias e correlações.

Não podemos tratar as divisões da natureza espirital do homem como existentes á parte. Ahí, tudo se liga e se entrelaça. A razão tem suas intuições e o coração os seus sophismas. A intelligencia tem seus sonhos e imaginação seus raciocinios. Ha pensamentos sentidos e ha sentimentos pensados. Um excesso critico levou Pascal á separação convencional e falsa dos valores sentimentaes e racionais.

RENASCENÇA DO NACIONALISMO

Emílio MOURA

Pode ser que se considere «attitude» a literatura nacionalista do nosso momento. Um sceptismo, muito literario no nosso meio, já se poz de vigilia deante dessa manifestação da nossa vitalidade. Mas, uma cousa ella traz, no seu anseio de abasileiramento—o gesto desembaraçado. Pensa mais do que devaneia, e age na razão directa desse pensamento. Não cáe no prazer puro de um malabarismo de idéas e sonhos. Ella se firmou numa sabia finalidade que é adaptação. Uns querem dar a essa literatura uma physionomia nacional, querem arrancar-a á sombra das outras, numa vaidade que nos enobrece; outros atiram-se a ella com todo um vocabulario de indelicadezas. Existe uma «literatura brasileira»? Sempre haverá quem se emaranhe nessa eterna interrogativa.

Todo o movimento moderno das nossas letras (ou, pelo menos, a corrente maior no nosso momento) compraz-se nessa tentativa curiosa de proseguir no alevantamento da nacionalidade. Continuam a obra que foi o legado melhor do nosso passado.

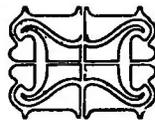
Entre nós, desde aquelle austero e commovido Santa Rita Durão, até esse recente Mario de Andrade, passando pelo velho Bernardo e Affonso Arinos, Euclides e Castro Alves, nós sentimos essa ansia libertadora. Em Arinos o sentimento nacional (o nacionalismo era toda a «alma» da sua intelligencia) foi uma criação lisongeira do espirito da terra. Era mesmo o fio emotivo da chamma que lhe animara o destino. Arinos foi, pura e naturalmente, brasileiro. A sua adapta-

ção apparente á vida civilisada e polida das velhas aristocracias, o seu gosto pelo mundo que recebera o beijo malicioso do mediterraneo não lhe trouxe a «doença de Nabuco». Ficou brasileiro pela imaginação e pelo sentimento. Trazendo no seu temperamento o requinte de uma civilisação caprichosa, elle se contentava, entretanto, com a paisagem brasileira. Chegava mesmo a sentil-a, «historicamente». Dahi a força do seu nacionalismo de que procurava extrahir, para o seu intellectualismo de requintes incompreendidos, os motivos de uma arte prodigiosa. Foi uma das figuras mais significativas de todos os movimentos nacionalistas do nosso meio, desde o indianismo de Gonçalves Dias e José de Alencar, até o regionalismo de aguafortista do sr. Monteiro Lobato. Através de todas essa gerações successivas, a reacção nacional veio se fazendo, numa esteira que não se apagará deante do maior scepticismo. Já está bem longe de nós o momento das negativas preliminares deante de cada arrancada nacionalisadora. O que nós sentimos, agora, é uma alegria serena, uma vaidade que não é tolice, em crêr nesse espirito de brasilidade. Ha um espirito nacional como existe uma arte e uma literatura que vivem desse espirito livre. A semente de Alencar e de Euclides terá a gloria de uma floração «brasileira». Um futuro que não está muito longe, escreverá a historia da nossa emancipação intellectual. O passado, é verdade, deu-nos a licção dolorosa de uma tradição empallidecida, fructo de um academicismo que era desvio, e de um classicismo esterilisante. O presente, entretanto, é agil e firme, na curva de sua trajetoria difficil. Faz prodigios de malabarismo com os jogos de sua coragem desassombrada. O rythmo que elle executa, em vez da velha toada monocordia, do estribilho desalentado que era um echo tradicionalista, é uma polyphonia em que entra a voz de todos os elementos, numa apothose final de côr e de vida.

O movimento reaccionario no mundo intellectual brasileiro, abriu uma brécha para a escapada nacionalista. E opportuno, por isso, que assignalemos aqui, essa conquista do pensamento moderno. E' ella o maior patrimonio espirital desse movimento. Falava-se muito em renovação de valores. Bastava esse desejo, que ja é um indice generoso de vitalidade. Mas não é só isso: O que se quer, além desse trabalho consideravel, è construir um Brasil dentro do Brasil, polir e collorir a sua physionomia, e afastar, para longe, a tanga dos nossos caciques artificializados. E' a «inversão da Babel» de Alberto Torres, o «Sonho do Gigante» do sr. J. A. Nogueira—é toda uma theoria de sonhos que se unem na mesma canalisação para um futuro de harmonia intellectual e moral. Limitação á nossa esphera de actividade? Não; apenas concentração de todas as forças, á lembrança viva do nosso destino de povo que já balbucia o seu rythmo novo. Esse entrará, depois, no quadro de um universalismo bem comprehendido. Universalismo é fundo de scenna. E' preciso crear o primeiro plano, onde o cunho da nacionalidade não seja, apenas, um illusionismo da platéa despreoccupada. E' esse um anseio radicalizado. Não é elle de agora, nem a nossa vaidade procura dar a essa geração reaccionaria um primado nesse terreno. Mesmo porque não é trabalho esse para uma geração. O que se pode é ensaiar tentativas. E qual a primeira nesse sentido? Ahi está um divertimento curioso para os pesquisadores da nossa historia con-

fusa. E' provavel que ella tenha surgido, um dia, deante daquella carta de Vaz de Caminha: «Esta terra, Senhor...» Acredito mesmo que esse sentimento nos tenha vindo, a principio, de pura attitude. Que importa? E' a razão corrigindo o nosso temperamento; a disciplina impondo-se com sabedoria. Entre essa disciplina interior, filha da cultura, e a exterior, a visão plastica do universo—filha do preconceito, é que está toda a distancia entre o brasileiro que pensa e o brasileiro que sente, o brasileiro-imaginação. A primeira dá-lhe agilidade de espirito, amolda á sua plasticidade um rythmo de intelligencia intuitiva e reveladora; a segunda tyranisa-lhe a criação intellectual. Deante da primeira o universo está reduzido a uma nebulosa de que nós faremos aquillo que estiver contido em todo o infinito da nossa aspiração; ao passo que, deante da segunda, uma esthetica preestabelecida nos acorrenta e subjuga. E' no campo desse dualismo que a critica do nosso sonho unificador vae tirando a visão em que se procura corrigir do seu desvio cosmopolita. A intelligencia corrige, experimenta... Traz ao nosso individualismo uma directriz que é o resultado de um esforço gigantesco da nossa experiencia fragmentaria. Chegamos a um gráo de cultura (illusão da nossa vaidade?) em que se torna possivel esse sonho de emancipação. Os escriptores mais amados, no nosso momento, são justamente aquelles que souberam guardar o sentimento da terra e a alma heterogenea do nosso povo; aquelles que, mesmo escrevendo para um publico que vivia á espera do ultimo navio que lá viesse da Europa, tiveram o heroismo de esquecer essa Europa e esse navio. Dos outros, alguns ficaram como espiritos harmoniosos, tal esse grande Machado de Assis. São amados á parte, postos num logar da nossa admiração, de onde não sahirão para viver e continuar em êcho, na projecção das obras que se vão realizando. A nossa sensibilidade vae-se afastando, com pezar é verdade, dessas almas extranhas. Porque nacionalismo no nosso momento é symnónimo de sacrificio. Renunciar a uma paisagem civilisada e polida, a um ambiente de estylisações, onde a cultura adoça o veneno de uma arte de decadencia; trocar toda essa visão harmoniosa por um «habitat» bravio e num estado admiravel de primitivismo é um heroismo que exige forças pouco communs. Ahi está, por exemplo, o sr. Oswaldo de Andrade a dar um exemplo desse heroismo. E bem na «Cidade maravilhosa» que viu florir o espirito anatoliano que elle sonha «abrasileirar-se». Carlos Drummond commenta o milagre: «...essa geração (a do sr. Oswaldo) foi o Bruges com o sr. Ronald de Carvalho, a Coimbra com o sr. Manoel Bandeira e a outros logares menos confessaveis e mais distantes... Que importa semelhante cousa? Taes poetas embarcaram na caravela que nos leva a todos a Europa, mas voltaram de lá com os olhos puros «e viram e sentiram a verdade». E' á luz dessa renascença do nacionalismo que essa geração trabalha e medita, a pôr um pouco de belleza nessa campanha renovadora. Que importa o scepticismo de alguns? Sempre ha de haver essa melancolia irremediavel no fundo de todos os sonhos, até nos mais luminosos. A esses escriptores de agora, a todos os que sonham com a brasilidade não póde ser atirada a pécha de cabotinismo. O que se julga ser isso è, apenas, a coragem magnifica de que se armaram, o ruído do entusiasmo que vae sendo preciso deante da barbaria civilisada. A' caricatura do nacionalis-

mo, que muita gente acredita estar fabricando, no fook-lorismo debilitado, elles oppõem uma concepção mais humana e mais viva de abra-sileiramento... Não fazem do tradicionalismo a unica fonte de vida. A preocupação maxima é mesmo esquecer esse tradicionalismo, pelo menos no seu desvio mais doloroso, e arrancar, á argilla desse presente tumultuoso, um «fiat» de verdades humanas, de realizações solidificadas. Criar, e principalmente agora, è mais neccessario do que prolongar e continuar... Dahi, por exemplo, a pujança significativa da visão brasileira do sr. Graça Aranha, e da critica do sr. Mario de Andrade. Ambos procuram a mesma chanaan, presentida no alvoroço de um individualismo que não se atrophia. E' claro que os caminhos são diferentes. Mas por todos elles o nosso espirito chega a mesma finalidade nocionalisadora. No sr. Graça Aranha—mais romantismo, um certo gosto mesmo pelas idéas em si, um verbalismo que chega a empanar o objectivismo que elle apregôa na sua esthetica voluptuosa; no sr. Mario de Andrade—mais peretração nas idéas que usa, uma clareza critica admiravel, e menos desejo de agradar, de sorrir, «literariamente» a todos os pobietmas que vae pondo em equação, numa agilidade espantosa de raciocinio. São todos esses, são os dessa formação intellectual, os escriptores de mais interesse para o espirito brasileiro da actualidade. Não lhes levaremos um «Carvalho de Tasso», numa pobre offerenda. Mas se essa valesse para alguma cousa, lá está no sertão generoso, o «Burity perdido», a offerecer como palma consoladora...



MARGINALIA

A "CIDADE VERDE"

A cidade que desaparece dentro do nosso scenario maravilhoso é um mysterio que muita gente não se dá ao trabalho curioso de examinar e «viver», na sua incoherente theoria de attitudes despreoccupadas, e nos seus aspectos significativos. Bello Horizonte não se entrega á primeira vista. Não é a «cidade-mulher» que o sr. Alvaro Moreyra viu através do Rio. numa hora de idyllios e confidencias. Ha muito desafio ao donjuanismo dos nossos sentidos nessas avenidas e ruas, no infinito das praças, onde o verde é uma idéa-fixa divina da natureza. Cidade que não se revela... Deixa-se ver, despreoccupada; sorri com malicia ou melancolia. Mais nada! Os olhos que sonham com alguma cousa mais, além desse sorriso, é que têm de ir procurar a cidade verdadeira, a sua alma elegante e sonôra. Terra discreta, de uma timidez preoccupada, a cidade vive na sua melancolia de aristocrata ou na sua banalidade rizonha.

"Cidade verde"! E' um bello qualificativo! E sonôro. Por isso a cidade ia deixando o tempo rolar, numa beatitude seraphica. A sua juventude podia ser um perigo. Porém eila viveu muito em praso tão imitado: olhou a vida, usou um pouco de literatura e, depois, creou para si, por um figurino de elegancia subtilisada, am scepticismo muito literario para ser levado a serio nesse momento. Comtudo ia crescendo... Novas ruas, novas avenidas... E, de repente, o soi começou a entrar pelas ruas a dentro, sem cerimonias, recto, militarizado. Um rythmo novo como mestre de scena. Agora, ahí está uma nova Bello Horizonte. Moveu-se ao ar livre, quiz saber do movimento das cousas, interessou-se por tudo: vive! Um pouco discreta, é verdade; muito "mineira", é verdade. Deante da nossa melancolia ainda se grava um provincianismo teimoso; mas é para se o pagar, pouco depois, á ronda deliciosa de alguns aspectos consoadores da cidade que vae seguindo, numa agilitade bem viva. O movimento social anima-se com traços de requintes admiraveis. Mesmo a vida intellectual já é outra em B. Horizonte,

vida de pensamento e cultura, que harmonisa o ambiente transfigurado, a crear uma élite que já se nota. A nossa capital é bem, nesse sentido, uma cidade tathada para refugio de um intellectualismo robusto, que se penetre de elegancia e vitalidade, que saiba ser uma força disciplinada. Num futuro que não será ionge? A cidade qae nos responda...

E' aqui que se observa, com muito reievo, o paradoxo moderno: cidade de contemplativos, a terra Bello horizontalina é uma cidade de acção. A poesia não embaraça esse pragmatismo contemporaneo que sabe compôr a sua activa physionomia. E' ainda a "cidade verde"? E'. Mas esqueceu-se de ficar, apenas, a namorar o titulo prodigioso. Perdeu muito daquella antiga vaidade. Entretanto continúa ainda, como aquellas creaturas de lenda que enamoraram Loti, na terra das "Desencantadas"—com um vêo mysterioso sobre os olhos ignorados: Pois é preciso muito trabalho e paciencia para que se conheça Bello Horizonte...

Y

CAPITULOS

Antonio Chrispim

Enterro na rua Pobre

Morreu a senhora do constructor, naquella casa alli em frente, de duas janellas e alpendre modesto, onde sobem irepacificas. Morreu houtem. E hoje pela manhã, antes de se completarem 24 horas, foi o enterro. Os autos vieram chegando, um a um, despejando homens de preto, alguns serios, outros despreoccupados ou aborrecidos, e entre elles um que ria contando ao companheiro uma historia picante. Creanças enchiam a rua. Nas casas proximas mulheres se debruçavam á janella, para ver melhor. A's vezes, o roxo de uma corôa invadiu o alpendre, e era como uma idéa fugitiva de morte, no ruído de festa em que se ultimavam os preparativos. Lá fóra, os autos manobravam, tomando posição, para alegria dos garotos, que se enterneciam com a simples proximidade dos pneumáticos. Dentro, passos cortavam a casa em todas as direcções, vo-

zes roucas davam ordens, ninguém se entendia, e o calor sufocava tudo. Na sala de visitas, de onde haviam fugido o sofá e as cadeiras, estava o corpo, rodeado pelos íntimos, e mesmo ali, ao clarão vacillante das velas de cêra, havia um rumor abafado de festa. Pelos cantos, abraços cautelosos exprimiam pezar e derramavam conforto, entre cochichos de «meus sinceros pezames», «a que hora sãe o enterro?», «onde está o viuvo?», «o carro é de 1a. classe?», «os cunhados parece que não sofreram muito», etc. etc. Mas a hora avançava, e quando vieram retirar o cadaver, um choro immenso, cortado de soluços, desabou a muralha da eça, e braços nús amarrotaram lenços, mulheres se lamentaram, tudo pareceu rolar um instante numa enorme desordem, emquanto que as crianças, espantadas mas divertidas, saboreavam o espectáculo inédito. A um canto, um senhor chupado e verde esfregou a mão na gola do paletó; não era uma jagrima; era um pingo de cêra.

O viuvo surgiu amparado por dois amigos, um gordo, de bigodes, com ar de italiano, e outro já velho, de barba suja, que dizia a cada momento: «Coragem, Paschoal...» Abriram caminho para que elle avançasse; mas, não avançou. Parou indeciso, á entrada da sala, cabellos revoltos, olhos esgazeados, harpa de tres dias, roupa de casimira já usada, sem collarinho nem gravata. Dizia-se que havia 10 noites não pregava olho. Alguem chegou-se a elle, para dar-lhe pezames e observal-o melhor. O viuvo não correspondeu ao seu sbraco. Tinha a bocca aberta numa attitude de estupidez. Fechado o caixão, entre gritos, lagrimas e signaes impacientes (os automoveis cobravam tarifas exhorbitantes), uma rapariga loura tombou sobre o viúvo, num desmaio. Correram para os fundos, á procura de um vidro de saes que não foi encontrado (apesar de estar á vista de todos). Depositaram o fragil corpo na sala de jantar. O caixão já transpunha o alpendre. Este era antes um corredor, e foi preciso fazer prodigios de habilidade para que o caixão não se despenhasse sobre o ladrilho. «Estas trepadeiras não terão espinhos?» indagou um senhor cauteloso e calvo. Os automoveis começaram a mover-se; eram treze. Um homem que os contou a dedo despediu o seu cairo, pagando ao motorista, e aproveitou a conducção de um amigo; esse homem era o da anedocta pornographica. O viuvo foi transportado a uma *limousine*, no mesmo desleixo de antes, e com o mesmo ar de burrice desolada. Antes de subir, olhou longamente o coche, e desatou os labios numa exclamação: «Pobre Marquinhas! Trinta e cinco annos... Era tão boa, tão economica!» O cocheiro ergueu bem alto o fino chicote, e fustigou as parellhas. O prestito começou a rolar vagaroso, num rythmo bocejante, pela rua mal calçada. A manhã fina, sem rugas, era de um azul indifferente. Cinco minutos depois, o silencio da rua abraçava em arco o silencio do céu.

As opiniões de Chuang-Tzú Ninguem entre nós conhece Chuan-Tzú; entretanto, elle se distingue por duas grandes qualidades: é philosopho e é chinês. E para que não duvidem de sua existencia, informarei logo que suas obras foram traduzidas para o inglez pelo antigo consul britânico em Tamsui, Herbert Giles, sob o titulo «Chuang-Tzú, mystico, moralista e reformador social». Sobre esse livro Oscar Wilde escreveu (já lá se vão 30 e tantos annos!) um espirital artigo no *Speaker*. Não nos detenhamos mais com a sua identidade. Está provado que Chuang-Tzú existiu. Eu, por mim, não resisto ao prazer de copiar-lhe algumas opiniões sobre «o homem perfeito»;

«O homem perfeito não faz outra coisa senão contemplar o universo. Não adopta nenhuma attitude absoluta». Em movimento, é como a agua; em repouso, como espelho. É como o éco, elle não responde senão quando é chamado.

Deixa as coisas exteriores se combinarem como entendam. Nada de material o prejudica e nada de espirital o atormenta. Seu equilibrio mental concede-lhe o imperio do mundo. Nunca será escravo das existencias objectivas. Sabe que, assim como os melhores pensamentos são os que jamais nos occorreu, as melhores acções são as que jamais se praticam...

O homem perfeito é inerte, e aceita as leis da vida. Repousa sobre a inactividade, e fica a ver o mundo tornar-se virtuoso por si mesmo. Não tenta jamais «realizar as suas boas acções, e não se coasome na luta. Para que affligir-se com distincções moraes? As coisas são o que são, e as consequencias serão o que hão de ser. Seu espirito é o espelho da creação, e elle, o homem perfeito, vive na tranquillidade.»

Chuang-Tzú morreu ha dois mil annos, e continúa a ser verdadeiro... D.

A estrella Ella brilhou no céu um momento, pequenina e tremula, aohre a augustia e o somno da terra; brilhou como uma pedra de annel, um reflexo furtivo e rapido, e, bruscamente, desapareceu. Na terra, os olhos dos homens, entre desejoaos e humildes, acompanharam-lhe a curva breve da queda. E boccas murmuraram preces e supplicas: —Dá-me ventura! —Dá-me sonho! —Dá-me descanso! —Dá-me vida!

Dois olhos, porém, fitaram-na, sem nada pedir... Dois olhos humidos e grandes, dois olhos azues de mulher. E porque não pediram. Porque a mulher se achava immensamente preocupada, a pensar na conta do armazem... D

EMDEFEZA DA MODA

Não procede, no que fala respeito á Moda, o argumento que diariamente deitam ao ouvido da humanidade, os que se dizem moralistas ou pudicos. Vêr na Moda attentados à moral, é illusão de optica beatifica, de beatos de fancaria que dormem á luz do seculo vinte, na cartilha das escolas de antanhos seculares.

Na Moda não está, absolutamente, a immoralidade !

Não se pode resumir a moral a uma quantidade maior ou menor de vestuario, assim como um pouco mais ou um pouco menos de cabellos na cabeça, não exprime decencia ou indecencia alguma. Ao contrario, a mulher de hoje, liberta dos espartilhos barbatánicos, das longas tranças desairosas das carpideiras, das desengunçadas saias de balão, livre assim das investaduras que lhe opprimiam o corpo e da coacção e do pavôr paterno ou marital, é a pioneira de uma nova moral e combatente desassombrada pelo alevantamento do nível e decoro sociaes femininos.

E de parabens devia estar o sexo bonito, por essa liberdade! Concedeu-lhe essa ordem natural de «habeas-corpus», o influxo bemfazejo que a civilisação, imprimiu á natureza da epoca. E bem avisado andou o juiz, que fez ruir por terra o regimen das couraças, das

baêtas, dos tapumes, das cercas e das crenolines, para a restauração, à luz dos tempos hodiernos e aos olhos das modernas gerações, da Moda que fez do mundo inteiro o imperio das suas fagueiras expansões e de seu dominio avassalador, eterno e absoluto...

As damas de Bello Horizonte, curvaram-se ás innovações da indumentaria e abriram as portas desta elevada «set» mineira, aos seus caprichos inebriantes e deliciosos...

As nossas esbeltas patricias, formosas dentre as que mais o forem no paiz e fóra d'elle, attestaram dessarte a evidencia do alto espirito civilizador de Minas.

A quéda dos véos, dos colletes de ferro, dos «manteaux» calourentos e insupportaveis, dos «coques» ridiculos e parecendo não sei que, das tranças inestheticas, dos abafos de toda sorte, foi nesta capital o que se operou, felizmente, surgindo, consequentemente, silhuêtas aligeiradas e graciosissimas, dos casulos que lhe martyrisavam o corpo de irreprehensivel esculptura e de plastica irreprehensivel...

A ellas, que tanto deve o surto do nosso progredimento social e que nós tanto acatamos e presamos, offerecemos em homenagem modesta, os protestos que reaffirmamos nesta pagina d'«A REVISTA» que lhe dedicamos, de mais respeitosa solidariedade e inequivoca incondicionalidade de admiração.

Nós *Somem-se muito longe os tempos em que se podia dizer que esta cidade, era uma cidade de funcionarios .*

Já o conceito não vale quanto a nós. A menos que queiramos chamar de funcionarios os que, em incessantes vigílias com os livros e em locubrações de todo dia, desdobram energias em actividade do espirito.

Esses, e não aquelles, caracterizam a "cidade verde", predominam todas as classes sociaes da incomparavel metropole, encarnando pelo commedido das acções e pela elevação do caracter, a vida da paz, á sombra do labor pela cultura e pela civilisação.

A cada dia, no seio acolhedor e fecundo da «urbs» universitaria mineira, recebemos irmãos e mais irmãos desse mesmo officio, e de anno para anno, legiões d'elles pressurosas se nos achegam, a nós que actualmente atingimos uma cifra que muito alto bem diz dos foros de cidade culta que reputamos e do campo largo e propicio que é Belo Horizonte, para nossa adaptação e perfeita diffusão do ensino, nas modalidades cambiantes do saber.

Em 1924, 12.383 eramos...

Em 1925, 16.437 somos...

Campeia entre aquelle "eramos" e este "somos", significativa

Do «bairrismo ao nacionalismo»

Depois de todo o esforço da critica contemporanea, na nossa terra, para focalisar os problemas nacionaes, mais em evidencia, e que estão a exigir immediatos cuidados, poderia parecer a muitos pura questão de agilidade administrativa, a viabilidade do nosso mecanismo governamental. E não é isso. A' heterogeneidade das nossas visões «brasileiras» vem alliar-se outro grave empecilho: a critica desorientada. E' ella a perturbadora da nossa comprehensão da realidade a desviar a nossa attenção differenciadora, sceptica ou espalhafatosa. Ou é o optimista em excesso, nesse caso, vive a descobrir viabilidade em todos os labyrintos; ou põe-se a tramar, numa ingenuidade grotesca, uma teia confusa deante do quadro mais harmonioso e completo. Pouca gente recolhe-se a uma serenidade fecunda, e pouca gente tolera nos outros essa serenidade. Em Minas isso não se dá com frequencia. A simplicidade no nosso povo e a sua natural aversão ao malabarismo politico vão preparando o terreno, para que ahi se agite, em plena liberdade, a acção dos nossos dirigentes. Esses podem olhar, livremente, a paisagem nacional e o seu mechanismo interior. Podem ter a serenidade de que necessitam para analysar o momento e resolver-o numa equação lisongeira. Está afastada, dessa maneira, a difficuldade maior? E' claro que não. Apenas o campo está livre para a gymnastica administrativa. Minas adquire esta vantagem á custa do seu destino coherente, numa solidariedade que é o factor maximo do nosso valor na politica nacional. E se Minas collabora tanto no destino de toda a nacionalidade, ahi está uma justificativa gloriosa para o augmento da nossa esperanza, um motivo de alegria deante do espectáculo do nosso momento, que é constructor e fecundo. No fundo do nosso bairrismo ha, portanto, um robusto nacionalismo. Não é Minas somente que se agita na nossa preoccupação rigorosa; é o Brasil; agil e grande, a olhar-se, demoradamente, na sua energia em potencia.

differença de 4.054, accrescimo de expressiva força do progredimento intellectual da ex-cidade dos funcionarios . . .

J DO C.

Os creados de quarto da literatura...

Escreve-nos o sr. Ribeiro Semente, a proposito do ruidoso livro de J. J. Brousson sobre Anatole France, de que nos occupamos em nossa secção bibliographica:

“Entre os numerosos depoimentos sobre Anatolio France, vindos á luz depois da morte desse velho escriptor, facilmente se destaca o livro de João Jacques Brousson, borbulhante de verdade, de graça, de ironia e de muitas coisas mais. Secretario de France, Brousson praticou a fundo essa natureza mórna de gosador endefluxado, que foi o pae de Thais e de Thereza Martin, a heroína da cacetissima obra-chefe “O lyrio vermelho.” Não sei de retrato psychologico mais flagrante do que esse, em que nos apparece um Anatolio sem ficções, sem accrescimos literarios, sem tolerancias biographicas, mordido de pequeninos vicios e pequeninas misérias, glutão, futil, maldizente, libertino e avaro. Haverá impiedade nessas paginas? Um livro de memorias não tem logar para a piedade. O proprio Brousson, si attingir um dia á mesma celebridade do seu fallecido patrão (de que Deus o preserve) terá um secretario malicioso e até maligno, que virá a publico esmiuçar o seu rol de roupa, sob um titulo igualmente cruel: “João Jacques Brousson em cuecas”, por exemplo... E o mundo não perderá nem ganhará nada com isso. Eternamente existirão homens gloriosos, e eternamente esses homens serão amesquinhadados pelos seus creados de quarto. No caso actual, porém, o creado de quarto vale mais que Napoleão—Napoleão ou M. Bergeret. Brousson é um escriptor imprevisito, habil, caprichoso. As phrasas de Anatolio France, neste livro, ganham em synthese e movimento: a gente vê que aquillo foi dito por France mas *escripto* por Brousson. Ha uma distancia de cem annos entre os dois esylos.

Affirmei que o livro de Brousson é palpitante de verdade. Não tenho documentos com que prove essa affirmativa, mas não me péjo de repetil-a. A verdade não estará nos episodios ou nos dialogos mais ou menos hypotheticos que Brousson nos apresenta, e onde não raro se descobre a fantasia do escriptor. A verdade está mas é no espirito mesmo do livro, de reacção (patente, embora inexpressa) contra a idolatria anatóliana, falsa e improductiva como todas as idolatrias. Livro caustico, de coragem, de zombaria triumphante, de mocidade, tão differente d’aquelle outro, servilissimo, de Paulo Gsell! A mocidade adquiriu a bom preço o direito de ser injusta com o velho Anatolio: elle não o foi menos com as gerações que o precederam e succederam. Incapaz de comprehender,—eis o seu maior defeito, que suppunha ser a sua maior qualidade. Ninguém mais se extasia ante os seus fastidiosos romances, nem se impressiona com o seu epicurismo de autor bem remunerado e pouco generoso. E aqui vae a calhar uma phrase de Josephina, a douta Josephina, reada tres vezes famosa, phrase que, na sua apparente rusticidade, en-

cerra o melhor juizo critico até hoje pronunciado sobre France. Como Brousson alludisse ao *Mestre*, retrucou-lhe a eloquente matrona: "Maître! Vousaussi, mais qu'est-ce qu'ils ont donc tous à l'appeller maître? Maître de quoi, mon ami? De sa soupe qued il l'a mangée. Et ann-core, pour ce qu'il la garde! Pauvre maître! Si je n'étais là il ne s'rait pas capable de changer de caleçon."

A morte de Pierre Louys

Pierre Louys morreu em principios de Junho, no "doce paiz de França" Com elle desaparece um dos remanescentes do symbolismo, e um dos mais vigorosos, dos mais sensuaes e perturbantes escriptores francezes. O antigo embaixador em S. Petersburgo morreu livre dos compromissos literarios que o ligaram ao grupo symbolista; porém a sua obra constitue, como a de tantos outros de sua geração, uma prova eloquente do valor e da extensão desse movimento, de curta duração, é certo, mas que impressionou fundamentalmente a nova literatura. O symbolismo foi um admiravel agente purifi. ador, eis o que são forçados a reconhecer mesmo os que reagiram contra elle. Deixou-nos Laforgue e Rimbaud: que mais lhe poderiamos exigir?

Algumas notas bio-bibliographicas sobre Pierre Louys:—Nasceu em Paris, a 10 de Dezembro de 1870. Casou-se com uma filha de Heredia. Estreiou com uma *plquette* de versos: "Astarté" (1891), seguida de outras; transportou Meleagro para o francez, e publicou as saborosas "Chansons de Bilitis", tão caprichosamente feitas que illudiram a mais de um hellenista avisado. Depois, lançou a sua famosissima "Aphrodite" (publicada no "Mercure de France" sob o titulo "L'esclavage"), "um livro de carne", como disse Remy de Gourmont, e, segundo o mesmo critico, "de uma literatura falaciosa". De qualquer maneira, "Aphrodite" é um dos livros mais lidos destes ultimos trinta annos. Em seguida, Pierre Louys publicou "La femme et le pantin," e varios outros volumes. Se a celebridade o perseguiu, elle não perseguiu a celebridade: "Voyager, flâner, rêver, collectionner les livres rares et lire, il semble que ce soit là sa vie, plus que d'être un anuteur —" escreveram delle Van Bever e Paul Léautaud.



Os nossos thesouros artísticos

E' de todos sabido que as chamadas cidades historicas de Minas são verdadeiros museus de arte tradicional. Menos sabido, porém egualmente verdadeiro, é que um mercantilismo desenfreado procura dispersar as admiraveis riquezas desses museus, por meio de transacções mais ou menos lucrativas e sempre condemnaveis. Em consequencia, vamos perdendo pouco a pouco as majestosas alfaias que engalanavam as nossas egrejas, e, com ellas, innumeras preciosidades de ceramica, moveis de estylo, joias, bordados, tecidos, etc, etc.. Sabemos, por exemplo, de um estrangeiro que, percorrendo com vagares de benedictino o interior do Estado, adquiriu, entre muitos outros objectos, um soberbo crucifixo do seculo XVIII pela ridicula quantia de 25\$000! A pessôa que realizou esse *altissimo* negocio deu-se por satisfeita... O que não sabemos é qual foi a opinião que ficou tendo de nós o ardiloso estrangeiro, que mezes depois regressava ao seu paiz...

Nessas condições, é muito de louvar a resolução do presidente Mello Vianna, organizando uma commissão para estudar os meios de impedir esse commercio abusivo e damnoso. Folgamos em ver realizado o sonho do grupo de intellectuaes paulistas que, o anno passado, fez uma longa e proveitosa excursão ás nossas cidades historicas. Aliás, o sonho era de todos nós, paulistas ou mineiros, que temos a coragem de nos preocupar com assumptos de arte nesse tempo de vida cara e de revoluções caudilhescas. Em Bello Horizonte, os novos bandeirantes trataram com enthusiasmo de lançar as bases de uma associação que tivesse por fim defender o nosso malbaratado patrimonio artistico. A idéa floresceu. A commissão escolhida pelo sr. Mello Vianna tratará provavelmente de estabelecer uma sociedade protectora das obras de arte em Minas, com uma organização elastica, de sorte a permittir a sua actuação nos differentes municipios mineiros, em cada um dos quaes deve estar sempre alerta um defensor da bôa causa. Ha sempre, nas cidades do interior, duas ou tres creaturas bem nascidas, que amam silenciosamente a belleza, e que tomarão a si esta suave obrigação.

Com a clarividencia que o caracteriza, o sr. Mello Vianna deu ao problema a solução que se impunha, e ainda uma vez se recommendou á estima dos nossos intellectuaes. Espectaculo raro, o desse homem de governo, que, assoberbado por um sem numero de questões administrativas, e desattento aos manejos da politicagem, se volta com desvelo para as coisas do espirito ! O prestigio e a autoridade de que se reveste o seu nome constituem um peior seguro do exito dessa iniciativa. Cumpre-nos a todos acompanhar com sympathia os trabalhos da commissão, interessados, como devemos estar, em ver resguardadas "desse commercio mediocre e sem alma" as obras primas que são o orgulho e a graça de nossas cidades.

“O individualismo e a autoridade em educação”

Não poderia ser mais feliz o Governo do nosso Estado entregando a instrução publica á direcção de um pensador que tem o senso claro da realidade. O sr. Lucio dos Santos forma as suas idéas em contacto directo com a vida. O seu espirito não se perde em pensamentos vãos e theorias nebulosas. Uma intelligencia activa como a sua, não achando contradicção entre pensar e agir, não pode jogar com puros valores abstractos. Neste caso é absurdo dizer-se que as idéas se deformam quando se projectam sobre o plano da realidade. O nosso tempo não é das ideologias transcendentales nem das cathogorias escolasticas. De facto, o sr. Director da Instrucção Publica em Minas se dirige por um alto pensamento, ao mesmo tempo, claro e preciso.

A sua conferencia sobre «o individualismo e a autoridade em educação» é um thema para meditação e um ponto de apoio para orientação. Deu-nos uma solução profundamente humana do problema da educação. Nada mais difficil do que determinar a attitude do professor deante da liberdade individual do educando. Foi o que conseguiu o sr. Lucio dos Santos. Realmente, ha um principio de autoridade que se impõe. A extrema espontaneidade de gestos da criança, estabelecida como norma, traria o desequilibrio moral. O educador é um professor de gymnastica espiritual. A sua funcção é dirigir, coordenar os movimentos naturaes do educando sem um constrangimento que annulle boas energias. Diz com precisão o sr. Lucio dos Santos: «a vontade se desenvolve pelo exercicio e não pela compressão». Os excessos, os rigores inflexiveis dos methodos cream a atmospheria abafada das escolas. Um systema rigido de nivelamento apaga os traços individuaes da criança. O prestigio suffocante do professor faz desaparecer a individualidade em vez de accentual-a. A vaidade professional intumesce a figura do mestre que acaba formando a idea de que a criança foi feita para a escola e perde a noção da realidade opposta. Dahi a rigidez da attitude do professor para com o discipulo. Uniformiza os seus alumnos mais interiormente do que exteriormente. E' contra esse uniforme espiritual que se deve reagir.

São essas as considerações que nos vieram á mente, suggeridas pelo alto ensinamento do sr. Lucio dos Santos.

Os livros e as idéas

Brasil

MEU — Guilherme de Almeida.—Typ. S. José—S. Paulo—1925

Guilherme de Almeida andou pela Grecia para disciplinar os ultimos excessos de sua sensibilidade. Vem, agora, agrupar-se a Maria de Andrade das ultimas producções e a Ronald de Carvalho para trabalhar, de verdade, a nossa paysagem. A incomprehensão dessa pobre paysagem que tem soffrido toda a sorte de falsificações artisticas vem desde o abuso da formula romantica de inadaptação até o enraizamento do preconceito da nevoa. Guilherme de Almeida traz um novo sentimento realista dos planos e dos volumes do nosso meio physico. Soffre um contacto profundamente corporeo da terra de que accusa as arestas vivas e os angulos agudos com uma precisão admiravel. Comprehende perfeitamente o papel violento da nossa luz perpendicular accendendo a nitidez dos contornos e a saliencia dos relevos das cousas. Subjuga e recorta calmamente massas enormes com a agudeza penetrante de seu poder visual. Tem uma grande força na precisão de suas idéas architecturaes. Eis, como num só traço, faz resaltar a consistencia da ossatura massiça de uma palmeira:

«Extrangeiro, olha aquella palmeira como é bella
parece uma columna recta recta recta»

O auctor de «Meu» traz uma nova comprehensão dos valores da natureza tropical. Não a sente atravez de interpretações literarias. Unicamente em «Concepção» uma explosão romantica põe, numa inesperada grandiloquencia, «imagens a serviço das idéas». Afastemos essa bella poesia de character perigoso. Guilherme de Almeida dispõe de uma maravilhosa expressão technica constituida de palavras ajustadas, de rythmos precisos, de tonalidades nitidas. Está bem longe de dar aquella liberdade solta de imagens e de accordes á phrase poetica como o faz a corrente do neo symbolismo contemporaneo. De facto, só essa technica solida do «Meu» seria capaz de realzar a tranquillização artistica do tumulto de nossa natureza. E' o livro mais uma bella tentativa de equilibrio, em arte, dos elementos decorativos brasileiros. Aquelle céu intumescido de emphase dos romanticos se alinha e adquire uma solididade polida de metal. O desesperado vento que soprava, gembundo e sotu-

no, se disciplina e torna-se «agil e passa numa elegancia fina». Vemos uma atmospheria «esticada como a pelle de um tambor». Mais ainda:

A hora forte esmalta
o jardim. Lapida
como uma esmeralda
a relva pollida.»

Como se vê o poeta não soffre a mais leve pressão ambiente. Tem os movimentos os mais livres. Chega até a brincar com alguns aspectos do nosso meio physico. Enrola e desenrola como uma fita a linha decorativa da paysagem. Malabarismo é um jogo surpreendente com as formas coloridas e uma das attitudes de gymnasta agilissimo que é Guilherme de Almeida. «Meu» é um grande livro do nosso momento constructivo.—M. de A.

ESPIRITO MODERNO—Graça Aranha — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato— S. Paulo — 1925.

Philosophar é um jogo perigoso. A sensibilidade philosophica vae de um conjuncto de factos a outro mais geral, reduzindo tudo á simplicidade rigida das leis. Acontece que o espirito penetrado de muita altura perde, quasi sempre o sentido da vida. Os raciocinios são, não raro, phantasias da intelligencia. Assim Graça Aranha nas suas considerações sobre a arte moderna foi arrastado por entre a complexidade de moldes sem substancia e formas sem fundo. Construiu no vaslo. E' inutil contradizer o seu «objectivismo dynamico» já tão debatido. E' uma formula rigida. E' uma receita indeterminada e vaga. E' a expressão congelada de uma idéa geral que não synthetisa os multiplos aspectos da arte moderna.

Graça Aranha é um creador e não um critico. Faz longas syntheses mas não tem o menor poder analytico. Entrega-se inteiramente aos arrebatamentos de sua imaginação creadora. Seu livro contém, realmente, excellent desenvolvimento de algumas tendencias da arte moderna. Mas o seu grande poder verbal perturba a precisão do pensamento critico. O fio de continuidade logica de suas idéas se embaraça no meio das palavras. Aliás, a unica manifestação de sua intelligencia que não admiramos é a com que se apresentou em «Espirito Moderno». Graça Aranha é o maior espirito creador que possuímos. Simplesmente, não se pode dispor do modo de ser da sensibilidade. Elle quiz fazel o. E errou. Soffremos sempre a tyrannia de nossa propria natureza — M. de A.

MARIO DE ANDRADE—«A Escrava que não é Isaura»—S. Paulo—1925.

O sr. Mario de Andrade vem dar á critica uma nova diectriz em que se pôde pôr uma esperanza mais calorosa. Fugiu ao «impressionismo», ao «dilettantismo» que, se eram motivos literarios para creações de arte e belleza, afastavam a critica de sua finalidade profunda.

O autor da «Escrava que não é Isaura» critica com uma intuição segura das cousas da intelligencia, e com essa agilidade viva de raciocinio que é a feição predominante de seu temperamento. Faz critica na sua critica, isto é, realiza a sua obra sem se perder ao capricho da imaginação, a um impulso da sensibilidade. E' um dos escriptores mais equilibrados do nosso momento. Mesmo dentro de seu enthusiasmo (o sr. Mario de Andrade é um grande creador de enthusiasmo) não se perde num verbalismo romantico, o que elle deve á sua disciplina cultural.

Com a publicação de «Escrava que não é Isaura», elle realiza, agora, uma obra que não encontra precedente no nosso meio literario. E basta esse livro para que nos convençamos de uma cousa: O seu autor é uma das mais bellas victorias do espirito moderno. Está muito longe de ser tudo aquillo que uma critica birrenta imaginou descobrir na alma inquieta e, lembremol-o com sympathia, renovadora da «Paulicéa desvaírada». Penetrou em todas as provincias do pensamento moderno; ouviu com sabedoria o rythmo desse polyphonismo de agora; fez experiencias e comparações; estudou, com cuidado, todas as directrizes que attraem a sensibilidade e a intelligencia dos nossos dias... E como é poeta e critico, deu-nos esse estudo sobre a poesia moderna. Livro muito pessoal. Do contrario não seria um livro dessa força renovadora. O seu autor fez um giro por literaturas extranhas, explica theorias, analysa e commenta... mas, sempre, para chegar á sua maneira de resolver o nosso problema artistico-literario, e para expôr a «sua» verdade. A sua concepção da poesia moderna não é fructo de uma esthetica arbitraria. Obteve-a no convivio de intelligencias autonomas, e analysando-se, com independencia. Quer, antes de tudo, escutar a voz verdadeira da sua alma e de sua intelligencia para, depois, procurar a directriz que elle imagina ser aquella que lhe convem, nesse momento, como expressão de sua arte. E cremos que o conseguiu com muita felicidade. Podemos não usar as suas idéas, mas somos obrigados a admiral-o, e a concordar que elle resolveu, o «seu» caso intellectual. As idéas do sr. Mario de Andrade não são guarda-roupa para todo o mundo...—E. M.

ROSAS DE SANGUE: — Octavio de Oliveira. (Imprensa Official.)

Bello Horizonte

Temos excesso de poetas ou excesso de poesia? Talvez que a segunda hypothese seja a mais justa, e nesse caso teremos explicada a lentidão com que se processa a evolução da poesia brasileira: a terra é, por sua natureza, tão abundante de lyrismo, que esmaga os temperamentos poeticos; estes, deante da riqueza sempre renovada dos motivos brasileiros, e não dispendo de meios de exteriorização possiveis apenas com uma longa e fina cultura, caem na poesia banal, artificiosa, de meia duzia de themas gustos e inexpressivos. Noventa por cento da infindavel producção poetica nacional resume-se nisto: cantar uns olhos de jaboticaba ou de velludo, uma bocca de romã ou de purpura, uns cabellos de serpente (?), um corpo de não sei o que... Os cinco ou seis poetas realmente admiraveis, que dominam o nosso momento, caracterizam-se jus-

tamente pelo desprezo que votam a essa quinquilharia pseudo-lyrica e pseudo-parnasiana e pela coragem com que se atiram a fontes inexploradas que eram tidas como estereis ou perigosas.

Tudo isso vem a proposito do sr. Octavio de Oliveira, moço realmente talentoso, que rima bem, conta com acerto as suas syllabas, tem uma noção razoavel de harmonia, e que até agora não se resolveu a abandonar os fatigados themes da geração bilaqueana. Seria preferivel que rimasse mal, não contasse absolutamente as suas syllabas nem tivesse noção alguma de harmonia. Em taes condições, o sr. Octavio de Oliveira se sentiria obrigado a escolher melhor a qualidade de sua poesia, uma vez que já não poderia contar com a technica (oh! a famigerada technical) para queimar á vista do leitor incauto um bonito fogo de artifício. Muita gente bôa que anda por ahí com fumaças de bardo tem apenas a virtude de fazer um alexandrino bem martelado, tão martelado que dentro delle não póde existir materia viva. A culpa é do parnasianismo, que entre nós não chegou a ser escola, mas viciou o temperamento brasileiro. Pobre parnasianismo! Accusam-no mais do que seria razoavel. A verdade é que elle está morto, e que, vivo, propriamente, nunca esteve. Como explicar, assim, o numero ainda consideravel de poetas influenciados pelo credo do sr. Alberto de Oliveira e do fallecido Olavo Bilac? Pela preguiça mental, pela falta de imaginação creadora e pela tendencia á imitação que distinguem (ou indistinguem) os nossos versejadres.

Eu não tenho a pretensão de dar conselhos, nem quero submeter um moço tão interessante como o sr. Octavio ao inutil vexame de rechebel-os. Mas por isso mesmo que li com agrado o seu livro, e que julgo haver encontrado ahí qualquer coisa acima do que vulgarmente se encontra nos nossos livros de versos, lembro ao autor a necessidade de reformar-se. Nem será mesmo uma reforma: elle é novo, e ainda não se formou totalmente. Será antes a adaptação de snas reaes qualidades poeticas ao espirito moderno da literatura brasileira. Accelerar o passo. Não olhar para os lados. Crer. Não tenha medo de errar, nem de ser ridiculo, nem de offender as galerias. E então, ha de ver que sua poesia será fluente, viva, forte, verdadeira; e ha de sorrir do tempo em que fazia versos assim:

“Um secco arbusto
Que alli persiste,
Vê como é triste
No seu penar!
Talvez só mochos,
Que a dôr obumbra.
Sob a penumbra
Lhe vão pousar...”

A edição, muito cuidada, recommenda as officinas da Imprensa Official. A capa é um dos bons, porém não dos melhores, desenhos de Pedro Nava, esse joven e curiosissimo artista que Minas precisa conhecer urgentemente.—C.

“O IMAGINARIO”—Flexa Ribeiro.—Nova Era.—S. Paulo—1925

A impressão que me deixou a leitura do capítulo, “A estética do cubismo” do Sr. Flexa Ribeiro, é que seu autor tratou de um assumpto absolutamente incomprehensível para elle. Perigoso. Perigoso, porque quem não comprehende, não pôde sentir, e é difficil criticar sem sentir. Suas idéas, tratando do cubismo, resultam da falta de paixão, e de partido tomado, que viriam da comprehensão, quer ella fosse pró, quer fosse contra essa tendencia. O espirito do Sr. Flexa Ribeiro está demasiado preso aos moldes da arte classica, á simples *harmonia visual* da obra plastica, para comprehender a revolução do cubismo, que para elle tem uma só significação:—“doença de feiura” Porque? Simplesmente porque o Sr. Flexa Ribeiro procurou no cubismo, a perfeição da technica consagrada, da technica classica, o equilibrio de fórmás, regularidade de planos, qualidades para impressionar exclusivamente a sensibilidade visual. Qualidades epidermicas da velha pintura. Ora, o cubismo, segundo a expressão do Sr. Pierre Reverdy, não é copia “*d’après-nature*”; é *imaginação “d’après nature”*. Intellectualisação intensa. Transformação. O cubismo torna-se, destarte, não uma pintura simplesmente *sentida*, mas sim uma pintura *imaginada*. Desta imaginação especial, intellectualisada, das formas, resulta a criação de um *meio*, absolutamente diverso do *meio* da natureza. Quem vê uma fórmula,—cadeira, homem, cama, ou banana, *sente* a projecção sensorial de um só aspecto, ou melhor de uma só *face* do phenomeno banana, cama, homem ou cadeira. O caso cubismo é outro. Cubismo—intellectualisação. Portanto, absoluta liberdade de imaginação. Quem *imagina “d’après nature”*, qual quer fórmula, não vê, simplesmente *Vê vendo*, isto é, sentindo o objecto em todos os seus aspectos e significações. Sente, por assim dizer a *fórmula em roda*. A pintura é uma arte de expressão difficil. O resultado de ver demais é a quebra da harmonia simples da fórmula, é o desdobramento desta harmonia aparentemente unica, sob todos os seus aspectos harmonicos. Dissociação da *belleza de fórmula* em *fórmás de equilibrio*. Multiplicação das harmonias de expressão. Expressão feita por linhas, planos, côres e volumes. Caso Picasso. Pelo menos o caso do *meu* Picasso, do Picasso de “Jeune fille au bras levé”, da “Bouteille de rhum”, do “Etudiant”, e do “Violon” Quem olha estes quadros com olhos só para *ver*, começa se escandalizando, porque não vê absolutamente nem garrafas, nem estudante, nem violino. Pode sentir, como sentiu Picasso, o aspecto superintellectualizado do motivo de comprehensão, de criação, que tomou seu ponto de partida, seu “elan”, no aspecto—estudante, garrafa de rhum, violino, etc.

O Sr. Flexa Ribeiro incorre ainda num erro:—considerar Cézanne como o precursor do cubismo. Cézanne só tem contacto com o cubismo, por intermedio de Picasso, mesmo assim por intermedio de um aspecto de Picasso. Cézanne viu demais a natureza, e com uma technica pobre, quiz expressar aspectos, que só com a liberdade trazida pela redolução cubista podiam ser expressados. Resultado: a desharmonia *real* nos planos da sua pintura. O Sr. Flexa Ribeiro esquece ainda que o

o cubismo não é nem pode ser considerado como finalidade artística, como fim de expressão. O cubismo deve ser considerado como meio de estudo. Não se deve fazer só cubismo. Aproveita-se o cubismo, para desenvolver qualidades, para romper com moldes, para iniciar, para recortar uma personalidade. Temos um exemplo no Brasil: Tarsila do Amaral. Tarsila do Amaral não é cubista. *Atravessou* o cubismo. Nunca sua pintura teria a significação violenta, a personalidade intensa, a supercompreensão do aspecto actual da nossa vida, não fosse a lição cubismo.

O sr. Flexa Ribeiro considerou o cubismo como finalidade. Erro grave. Não o compreendeu como meio de estudo. Erro gravíssimo. Onde ha no cubismo, liberdade, dissociação de planos, elle vê desharmonia, membros elephantisados, "doença de feiura."

O Sr. Flexa Ribeiro olhou o cubismo com olhos de classico. Clássico em 1925 é doença. Doença grave. Verdade é que ninguem tem culpa de ser doente:—o culpado da hydrophobia, não é quem foi mordido, deve ser o cão.

O Sr. Flexa Ribeiro, não tem culpa de ter sido mordido por Phydias, Miguel Angelo e outros.—P. N.

MEMORIAS SENTIMENTAES DE JOÃO MIRAMAR — Oswald de Andrade—S. Paulo. — 1925.

A primeira vez que nos appareceu o sr. Oswald de Andrade foi nos «Condemnados». Tivemos nelle um romancista nervoso, cheio de vida na sua technica pessoal. Já trahia por esse tempo um desejo sincero de renovação intellectual, e o seu estylo já era uma conquista sobre a lingua teimosa na adaptação academica. «Condemnados» já era, assim, uma realização.

Agora, nessas «Memorias sentimentaes», abandonando o exagero subjectivista em que se ia perdendo a nossa literatura, o sr. Oswald tenta uma «volta ao material», como lá vem no prefacio, apezar do «sentimentalismo racial» que vibra no «seu fôro interior».

Faz um jogo curioso da lingua. Esqueceu-se da ordem natural da nossa syntaxe (prefere uma ordem psychologica) emprestando á palavra uma vida autonoma, incisiva. Desarticula o conjuncto; faz interposição de planos, a focalizar uma linha mais do que outra. Põe num traço toda uma impressão centralizadora. Acredita assim no leitor.

E' uma tentativa curiosa essa do estylo de João Miramar. Apenas curiosa.

Deante dessa figura, um pouco dolorosa e um pouco risonha, nós sentimos o arrepio da vida desarticulada, viva, que ainda sangra nos seus fragmentos. E' a realidade, recta como um florete, a picar a epiderme, a ir mais longe, na sensividade profunda. Ha pinceladas que valem por uma téla completa: «E a terra natal espiou por um pharol a noite enfarada». «O vento batia a madrugada como um marido. Mas ella perscrutava o escuro teimoso.» Outras de um pittoresco animado: «O circo era um balão acceso com musica e pasteis na entrada».

Miramar, como toda a literatura recente do sr. Oswald de Andrade, lembremol-o em tempo, não vae além de uma tentativa. Elle podia collocar, naquellê prefacio de Machado Penumbra, a sinceridade da «Paulicéa desvairada»: «Alliás muito difficil nesta prosa saber onde termina a blague, onde principia a seriedade. Nem eu sei» — E. M.

França

FEUILLES DE ROUTE—Blaise Cendrars—Imp. H. Fortemps—Paris.

A nova collecção de poesias de Blaise Cendrars vem commentada pela ingenuidade constructiva do traço soado e tranquillo de Tarsila do Amaral. Não se pode deixar de notar a correlação que existe entre a arte da pintora brasileira e a do poeta francez. Ha em ambos a calma architetonica da linha precisa. Feuilles de Route são desenhos simplificados das pay-sagens por onde Cendrars passou. O maior interesse que desperta o livro é o de medir o abalo de uma fina sensibilidade franceza em contacto com a brutalidade do ambiente tropical. O tumulto de nosso meio physico não pregou no poeta o susto que se esperava.

“La forêt est là, me regarde, m'inquiète, m'attire
comme le mas que d'une momie”

Soffre, simplesmente, a curiosidade raciocinada de um visitante de museu. Blaise Cendrars não se abate nem sae fora de si. Com uma serenidade que indica saúde, descobre no exaggero atordoante da nossa floresta “les frondaisons cette architecture,” salienta calmamente “les masses perpendiculaires” “les fûts frères.” Entretanto, o transbordamento de volumes, o excesso de cores, a indisciplina das linhas da nossa paisagem perturbaram a sua sensibilidade poetica. Elle não colheu a sensação em estado puro. Não fez simplesmente poesia como em Monde Entier, mas tambem arte. Accordou-se, nelle, um artista plastico. Recortou arestas, salientou contornos e empregou tintas vivas. Conservou a antiga synthese, mas o fluxo lyrico já não trouxe a pureza primitiva. Chegou, até, a fazer litteratura.

O Pão de Assucar lhe lembrou Wargner “bouffi d'orgueil” Entretanto, não raro, o desvio que observamos desaparece e, uma onda de ly-rismo puro rompe numa bella surpresa:

No poema S. Paulo:
“Je trouve tous mes amis
Bonjour
C'est moi”

Parece que a sensibilidade do poeta francez, não se conformando com o nosso excesso de fundo natural, teve a mais lyrica expansão ante a perspectiva humana, ja bem definida, da cidade de S. Paulo. —M. de A.

JEAN-JACQUES BROUSSON—«Anatole France en pantoufles» — Les éditions G. Crès et Cie. — Paris

Conheci, em uma pequena cidade do interior, uma respeitável senhora, obesa e ferozmente virtuosa. Muito estimada por todo o logarejo, que vivia a proclamar-lhe as riquezas e a piedade, tinha ella uma veneração, verdadeiramente mystica, pelo velho e respeitável bispo de sua diocese. Foi assim que, como uma graça vinda dos ceus, o venerado pastor, em uma de suas visitas pastoraes, entre alas genuflexas, estourar de foguetes e algazarra de sino3, moido pela canceira de, extenuante viagem a cavallo, aportou-lhe um dia á casa, empapado de suor e coberto de poeira. Antes de deitar se, o santo homem quiz um banho, que lhe foi ministrado, á moda do interior, em uma nova e grande bacia de folha. A piedosa mulher teve escrupulos de deitar fóra aquella agua servida, onde o Senhor Bispo acalmara as suas impertinentes almorreimas; lembrou-se então de a recolher em pequeninos frascos, que distribuiu depois pelas amigas, que a bebiam, aliás com grande resultado, sempre que se viam em apuros de parto.

Lendo o «Anatole em pantoufles» de Brousson vem-me á idéa aquella beata piedosa. Em todo o seu livro, nada que nos dê uma perspectiva psichologica, ligeira siquer, do amável sceptico de *Jerôme Coignard* nem do cinzelador de *Thaïs*. Informa-nos que tinha não sei quantos gorros, de não sei quantas côres, que não gostava de ponto e virgula, conta-nos, diffusamente, uma porção de libidinagens de *Anatole* e assim por deante. Emfim, agua suja em pequeninos frascos.

Dos que mais se occupam do autor do que das obras, dizia Schopenhauer que eram como espectador, detidos deante da moldura, em vez de occupados com a perspectiva, por vezes sublime, do quadro. No seu «Propos d'Anatole France», sahido ha alguns annos, *Paul Gsell*, muito mais feliz do que Brousson, não ficou como aqueles espectadores de que falla o philosopho: dá-nos um quadro magnifico de *Anatole*; em que as scintillações de seu espirito surgem emolduradas de bondade; e de uma bondade inedita, para aquelles, que só conheciam o escriptor atravez da personalidade de seus escriptos. — I

FRÉDÉRIC LEFÈVRE: «UNE HEURE AVEC...» (deuxième série)—Éditions de la Nouvelle Revue Française.—Paris.

E' um livro de entrevistas, em que o repórter, não raro, fala mais que o entrevistado, o que se lhe perdôa facilmente, por ter uma bôa intelligencia critica e senso do «a proposito». As figuras são as mais diversas: *Carlos Maurras*, *Paulo Morand*, *George Duhamel*, *Henrique Duvernois*, *Max Jacob*, *Alain*, etc. Mais uma vez,

a literatura franceza nos dá uma fascinante impressão de movimento, espantando o brasileiro incauto, que confunde movimento com vitalidade. E' facto que, em França, um homem de letras representa pelo menos uma idéa, e que o choque de principios e postulados tem ahi um alcance incalculavel. Porém não é menos certo que o espirito francez exgottou as suas reservas, e agora está batendo a portas estrangeiras, á busca de material para a sua producção. Prova: o exotismo ou melhor, o cosmopolitismo, tão do gôsto de Larbaud, Mac Orlan, Giraudoux, etc. Nada de menos compativel com as tradições do chamado genio francez. Aliás, este genio de ha muito é coisa morta: um dos seus ultimos representantes, Anatolio France, viu a sua obra morrer antes de si mesmo.

De qualquer maneira, é muito curioso o livro do sr. Frederico Lefèvre. Como informação, é mesmo excellente. Feito sem preocupação de questionario. Cada escriptor responde a uma serie de perguntas em relação com o seu temperamento, suas tendencias, suas realizações. Maurras, por exemplo, faz um discurso derramado, borbulhante de idéas, que elle fere apenas. E' extraordinario, esse homem, tão seguro no diagnostico dos males politicos e literarios do seu paiz, e que como mesinha a todoselles só encontra esta coisa immensamente rebarbativa: *un roi...* Elle fala em nome de uma tradição que os seus contemporaneos repudiaram. Mesmo assim, é perturbador. Aqui se registra uma de suas luminosas palavras recolhidas pelo sr. Lefèvre: «Ou ne naît pas libre. On peut le devenir.»

E' ainda recommendavel neste volume a entrevista com Jacques Rivière, onde o director da N. R. F., ha pouco fallecido, rebate accusações de Massis, da mais palpitante actualidade. Porém todo o livro deve ser lido, embora não agrade a este ou aquelle saudoso das edições de Calmann Lévy...—C.

NOTA—O objectivo desta secção é limitado. Não pretendemos fornecer ao leitor uma visão de conjunto da producção literaria nacional, e muito menos da estrangeira. Essa tarefa, difficil de ser realizada no Rio ou em S. Paulo, seria impraticavel em Minas, que mantém escasso intercambio intellectual (?) com os outros Estados, e do estrangeiro recebe apenas o que lhe enviam os editores portuguezes e francezes. Mesmo dos ultimos, muita coisa não chega até as Geraes, ou, se chega, é com um atrazo desanimador. Assim, não promettemos senão aquillo que está em nossas mãos: uma critica nem sempre justa, porém sempre bem intencionada.

Mas... valerá a pena falar de intenção em crrtica? O que de interesse a um julgamento é a paixão que o anima, isto é, a dosá

de humanidade que elle contém. Esperamos, pois, que ninguem se indignará se dissermos que esta secção será *honestamente apaixonada*. Eis a nossa melhor defesa.

—Os autores que desejarem honrar-nos com o envio de suas obras poderão endereçal-as nominalmente a qualquer dos nossos redactores, ou, indistinctamente, á redacção (Avenida João Pinheiro, 565).

IRARIGOAN

(Continuação)

Movimentaram-se lhe vivos na memoria os apparatus a que junto daquelle marco assistira. Evocou, assim, a figura do homem, envolto por uma longa veste, erguendo aos ceos um objecto bello como um pequeno sol ! Lembrou-se que ao attentar para a contricção dos extranhos, parecera-lhe aquelle espectaculo um culto de um deus desconhecido.

E uma duvida pairou em seu espirito ! Porque Tupan não fendera com um raio aquelle madeiro ? !... Pois, Tupan não era omnipotente ? ! Seria que aquelle fosse mais forte que Tupan ? !...

De manso e manso, as palpebras de Irarigoan baixaram, como si uma grande tristeza pesasse sobre ellas. Já não mais para a sua alma existia a illusão de que as vagas do Oceano vinham do infinito !... Além, vivia um povo mais forte que o seu ! O deus daquelle gente era mais poderoso que Tupan !

O Sol, muito baixo, coalhava de sangue o dorso movel do Oceano. No occaso rubro, o grande espirito de Irarigoan anteviu o proximo occaso de sua raça !

A frente do cacique pendeu para o peito. Seu perfil de bronze abateu-se. Atormentava-o o remorso de se ter deixado atordoar pelo deslumbramento ! Assoberbava-lhe a mente, suffocando-o, a necessidade irreprimivel de voar, de ir alem da distancia que a vista apoucada limitava, encarcerando o vôo do pensamento para o ignoto ! No delirio, exagerava se-lhe na consciencia o poder do gesto, como si um só gesto seu houvesse bastado para sustar a aproximação das grandes naus !

E' que a dor de Irarigoan era maior que a grande dor que adivinhava fatal para sua raça. Pois, na revolta suprema contra a Fatalidade, anniquilava-o o supplicio sem termo do arrependimento !

Expediente

“A REVISTA” publica-se mensalmente

Assignaturas para todo o Brasil:

Anno 12\$000
Semestre 6\$000
Numero 1\$000

Toda e qualquer correspondência
 deverá ser dirigida á Redacção e
 Administração.

Avenida João Pinheiro, 565

BELLO HORIZONTE



Encatrega-se de gerir os negócios
 de «A Revista» o nosso redactor
 Gregoriano Canêdo

NOTA Figuram neste numero alguns erros de revisão, mais ou menos graves, que nos escaparam devido ao accumulo de serviço. Não os indicamos; preferimos confiar no leitor intelligente.

A REVISTA

SUMMARIO

PARA OS ESPIRITOS CREADORES .	Redacção
SOBRE A PSYCHO-ANALYSE.	Iago Pimentel
DA POESIA MODERNA	Emilio Moura
CRITICA PHYSIOLOGICA	Martins de Almeida
MEUS VERSOS.	Carlos Drummond
O CARTEIRO.	Godofredo Rangel
MULHERES	A. J. Pereira da Silva
NOCAUTE...	Mario Ruis
NATAL.	Onestaldo de Pennafort
A PESCA DA BALEIA	João Alphonsus
O POEMA MAIOR.	Wellington Brandão
UMA PAIXÃO EXTEMPORANEA.	Alberto Deodato
CABRAL E SEUS PRECURSORES.	Orozimbo Nonato
A MONTANHA AZUL.	Carlos Góes
MOMENTO BRASILEIRO	Magalhães Drummond
A' NOSSA VITALIDADE.	Gregoriano Canêdo

OS LIVROS E AS IDÉAS — MARGINALIA

Casa Aurea

*e a casa de artigos de luxo que tem
em Bello Horizonte os mais variados
sortimentos de Calçados, Chapéus,
Camisas, Gravatas, Meias, Collarinhos,
Lenços e Perfumarias.*

**O record em preços
Qualidades e
Variedades**

Teleph. 420

Avenida Affonso Penna, 502

**Drs. Abilio Machado,
Pedro Aleixo e Mil-
ton Campos**
ADVOGADOS

Av. do Contorno, 1550
(Escriptorio)

B. Horizonte

Dr. Julio Soares

Assistente de clinica
cirurgica da Faculdade
de Medicina e da Santa
Casa de Bello
Horizonte

**Cirurgia geral e
vias urinarias**

Conl.: 1 ao 5 — Rua da Bahia, 908
(Altos do 'Parc Royal')

Tel. 955 — Res.: Santa Casa

—Bello Horizonte—

Salão Santos

*Sala para senhoras e
crianças*

Pilotonico Santos

O maior inimigo da caspa,
O melhor tonico do cabelo.

Bello Horizonte

Andrade

ALFAIATE

Phone, 351

Rua da Bahia, 992

Bello Horizonte

A REVISTA

Fabrica de Calçados "Bellorizonte"

O mais resistente!

O mais barato!

O de mais acceitação!

Rua Platina -- Caixa Postal, 57

..... BELLO HORIZONTE

Albino Cangiano

Alfaiate

Rua da Bahia, 917

Senhoras e Senhoritas !!

Calçados finos, meias, gravatas, etc. na

Casa Versiani

Avenida Afonso Penna, 572 — Bello Horizonte

A RENISTA

Caixa Postal, 14

End. Tegr. "PAPEIS"

PAPELARIA E LIVRARIA OLIVEIRA, COSTA & CIA.

Avenida Affonso Penna, 1050 e 1052

TELEPHONE 1 5-8

*Deposito de papeis
em branco*



*OBJECTOS DE
ESCRITORIO*

Lytographia, Typographia, Encadernação
e Pautação.

LIVROS DE DIREITO, LITTERATURA, ENGENHARIA
E ESCOLARES

Armazens Guarany

443 - Avenida do Commercio - Telephone, 310

—o— Grandes armazens de bebidas finas e conservas de todos os procedencias —o—

Unicos distribuidores dos productos da Companhia Gervejarla Polar

PASCO DA COMPANHIA GRACIEMA

GUARADÁ ESPUMANTE ZADOTTA

*Agua Salutaris — Fernet branca — Whiski mineiro — Vinho
Guarany — Manteiga Veado*

ENTREGA RAPIDA PARA QUALQUER PONTO DA CIDADE

Unico estabelecimento na Capital que se acha especialmente preparado para o
systema de distribução em duzias e onde os senhores do interior encontram
de tudo e melhor podem ser bem servidos

BELLO HORIZOOTE

Fumem

só cigarros e charutos

Flôr de Minas!

São os melhores

Rua da Bahia, 884

Bello Horizonte

Sociedade de Motores Deutz

Otto Legitimo Ltda.

Machinas para lavar madeira
«Kiesling-Leipzig»

Machinas para officinas mechanicas
Machinas para produzir gelo
etc., etc.

Matriz: Rio de Janeiro
RUA DA ALFANDEGA, 103
Caixa Postal, 660



Filial: Bello Horizonte
Avenida Affonso Penna, 930
Caixa Postal, 103

End. Telegraphico: « OTTOMOTOR »
Telephone, 1059

Loteria do Estado de Minas Geraes

*Extracções em
Julho:*

Dia 7 200:0000\$000

Dia 13 200:0000\$000

Dia 17 100:0000\$000

Dia 23 100:0000\$000

Dia 30 100:0000\$000

Companhia Dias Cardoso

Estabelecimento de primeira ordem

*Papelaria — Livraria — Typogra-
phia — Armario — Cofres de
Ferro — Prensas*

MACHINAS DE ESCREVER

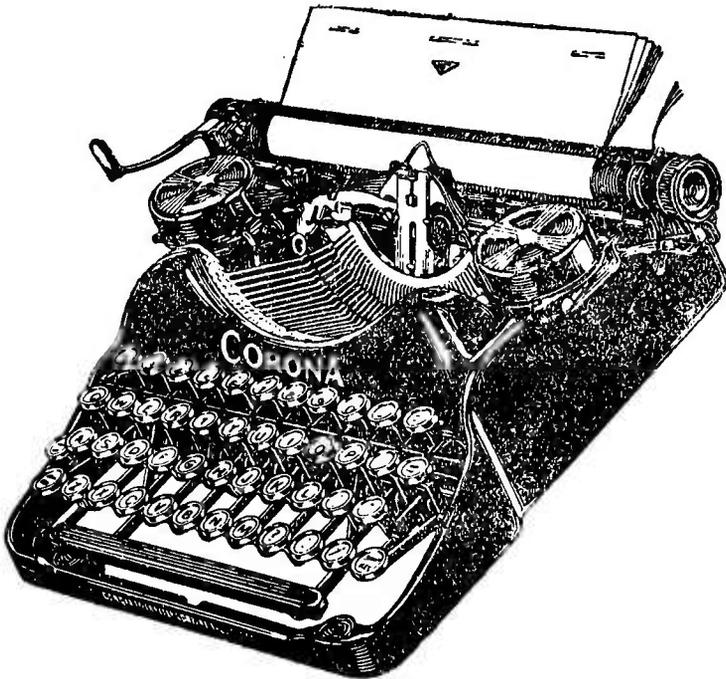
Rua Rio de Janeiro esquina da
Praça Sete de Setembro

BELLO HORIZONTE

A REVISTA

CORONA

COM TECLADO UNIVERSAL



Tão valiosa como duas machinas communs, porém, mais barata do que uma.

A «Corona Quatro» presta no escriptorio o serviço de varias machinas pesadas. Tem o valor de uma commum no escriptorio e outra em sua casa

Alfeu Felicissimo

Secção de machinas de escrever e moveis de escriptorio
Rua Rio de Janeiro, 620 — Bello Horizonte

A REVISTA

Confeitaria Estrella

— DE —

CASIRO & MORATO

O «Estrella» é hoje em Bello Horizonte uma casa de elite, frequentada pelas famílias do escól e preferida pelos academicos de *linha*. Tornou-se, não só pela presteza e amabilidade dos seus serviços de *garçons*, como também pela modicidade de seus preços, a confeitaria querida da nossa sociedade.

Bahia, 1.005

O «Estrella» brilha de dia e de noite!

Phone 120

Albino Cangiano

ALFAIATE

Rua da Bahia, 917

Senhoras e Senhoritas !!

Calçados finos só na

Casa Versiani

Avenida Affonso Penna, 572 — Bello Horizonte



ESTÁ VISTO

Camisas lindas e
roupas brancas
em geral.

Ternos sob medida.

Perfumarias, etc.

Tudo a preços
modicos.

Faça como eu vá

Ao Trocadero

AVENIDA AFFONSO PENNA, 708

A REVISTA



Roupas sob medida

Roupas feitas

Vestuario para meninos—Calçados—Chapeus
Camisas — Gravatas — Pyjamas — Meias — Collarinhos

Os melhores artigos

— Os melhores preços

Alfaiataria Guanabara

— AVENIDA AFFONSO PENNA, 805 —

Dr. J. Martins Vieira
MEDICO

Ouvido, nariz e garganta ☒ Consultorio: Avenida Affonso Penna,
934
(Palacete Alvaro dos Santos)—2. andar

DAS 13 HORAS EM DEANTE

B E L L O H O R I Z O T E